

Organizador
Edilson Antonio Catapan



Tendências contemporâneas das ciências sociais aplicadas

Vol. 04

São José dos Pinhais
BRAZILIAN JOURNALS PUBLICAÇÕES DE PERIÓDICOS E EDITORA
2020



Edilson Antonio Catapan

(Organizador)



**Tendências contemporâneas das
ciências sociais aplicadas**

Vol. 04

BrJ

Brazilian Journals Editora

2020

2020 by Brazilian Journals Editora
Copyright © Brazilian Journals Editora
Copyright do Texto © 2020 Os Autores
Copyright da Edição © 2020 Brazilian Journals Editora
Editora Executiva: Barbara Luzia Sartor Bonfim Catapan
Diagramação: Sabrina Binotti
Edição de Arte: Sabrina Binotti
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial:

Prof^a. Dr^a. Fátima Cibele Soares - Universidade Federal do Pampa, Brasil.

Prof. Dr. Gilson Silva Filho - Centro Universitário São Camilo, Brasil.

Prof. Msc. Júlio Nonato Silva Nascimento - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, Brasil.

Prof^a. Msc. Adriana Karin Goelzer Leining - Universidade Federal do Paraná, Brasil.

Prof. Msc. Ricardo Sérgio da Silva - Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

Prof. Esp. Haroldo Wilson da Silva - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil.

Prof. Dr. Orlando Silvestre Fragata - Universidade Fernando Pessoa, Portugal.

Prof. Dr. Orlando Ramos do Nascimento Júnior - Universidade Estadual de Alagoas, Brasil.

Prof^a. Dr^a. Angela Maria Pires Caniato - Universidade Estadual de Maringá, Brasil.

Prof^a. Dr^a. Genira Carneiro de Araujo - Universidade do Estado da Bahia, Brasil.

Prof. Dr. José Arilson de Souza - Universidade Federal de Rondônia, Brasil.

Prof^a. Msc. Maria Elena Nascimento de Lima - Universidade do Estado do Pará, Brasil.

Prof. Caio Henrique Ungarato Fiorese - Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil.

Prof^a. Dr^a. Silvana Saionara Gollo - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Brasil.

Prof^a. Dr^a. Mariza Ferreira da Silva - Universidade Federal do Paraná, Brasil.

Prof. Msc. Daniel Molina Botache - Universidad del Tolima, Colômbia.

Prof. Dr. Armando Carlos de Pina Filho - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.

Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima, Brasil.

Prof^a. Msc. Juliana Barbosa de Faria - Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil.

Prof^a. Esp. Marília Emanuela Ferreira de Jesus - Universidade Federal da Bahia, Brasil.

Prof. Msc. Jadson Justi - Universidade Federal do Amazonas, Brasil.

Prof^a. Dr^a. Alexandra Ferronato Beatrice - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Brasil.

Prof^a. Msc. Caroline Gomes Mâcedo - Universidade Federal do Pará, Brasil.

Prof. Dr. Dilson Henrique Ramos Evangelista - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Brasil.

Prof. Dr. Edmilson Cesar Bortoletto - Universidade Estadual de Maringá, Brasil.



Ano 2020

Prof. Msc. Raphael Magalhães Hoed - Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Brasil.
Profª. Msc. Eulália Cristina Costa de Carvalho - Universidade Federal do Maranhão, Brasil.
Prof. Msc. Fabiano Roberto Santos de Lima - Centro Universitário Geraldo di Biase, Brasil.
Profª. Drª. Gabrielle de Souza Rocha, Universidade Federal Fluminense, Brasil.
Prof. Dr. Helder Antônio da Silva, Instituto Federal de Educação do Sudeste de Minas Gerais, Brasil.
Profª. Esp. Lida Graciela Valenzuela de Brull - Universidad Nacional de Pilar, Paraguai.
Profª. Drª. Jane Marlei Boeira - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Brasil.
Profª. Drª. Carolina de Castro Nadaf Leal - Universidade Estácio de Sá, Brasil.
Prof. Dr. Carlos Alberto Mendes Morais - Universidade do Vale do Rio do Sino, Brasil.
Prof. Dr. Richard Silva Martins - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul Rio Grandense, Brasil.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C357t Catapan, Edilson Antonio

Tendências contemporâneas das ciências sociais aplicadas /
Edilson Antonio Catapan. São José dos Pinhais: Editora
Brazilian Journals, 2020.
339 p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui: Bibliografia

ISBN: 978-65-86230-14-7

1. Desenvolvimento urbano. 2. Comportamento social.
I. Catapan, Edilson Antonio II. Título

Brazilian Journals Editora
São José dos Pinhais – Paraná – Brasil
www.brazilianjournals.com.br
editora@brazilianjournals.com.br



Ano 2020

APRESENTAÇÃO

A obra intitulada “Tendências contemporâneas das ciências sociais aplicadas vol. 04”, publicada pela Brazilian Journals, apresenta um conjunto de dezenove capítulos que visa abordar diversas temáticas ligadas à área da administração, possibilitando melhor entendimento a aqueles que desejam ampliar seus conhecimentos sobre os aspectos importantes relacionados a uma sociedade: suas origens, processos históricos, funcionamento, aspectos de desenvolvimento, transformações sociais, conflitos, características culturais, econômicas e políticas. A seguir são apresentados os estudos que compõem os capítulos deste livro.

Logo, os artigos apresentados neste volume abordam: A importância de Frida Vingren para a história da Assembléia de Deus no Brasil; Mapas conceituais: como uso da metodologia de ensino e pesquisa para o estudo de desenvolvimento de projeto arquitetônico; Brasil e China na geopolítica do capitalismo: notas sobre acordos bilaterais, comércio exterior e o futuro (2008 – 2019); A base de logística de defesa, inovação e indústria nacional: O PROSUB e a análise científico-tecnológica em estudo comparado de Brasil e França; Organização e práticas de economia solidária com agricultores familiares: o caso do instituto chão e entre outros.

Dessa forma, agradecemos aos autores por todo esforço e dedicação que contribuíram para a construção dessa obra, e esperamos que este livro possa colaborar para a discussão e entendimento de temas relevantes para a área de administração, orientando docentes, estudantes, gestores e pesquisadores à reflexão sobre os assuntos aqui apresentados.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 01	1
INCIDENCIA DE LOS SMARTPHONE EN EL DESARROLLO DE LA PLASTICIDAD CEREBRAL EN NIÑOS DE 0 A 6 AÑOS, EN UN CONTEXTO DE ALTA VULNERABILIDAD.	
José Manuel Salum Tomé DOI 10.35587/brj.ed.0000325	
CAPÍTULO 02	9
THE ELABORATION OF THE URBAN AND ENVIRONMENTAL DEVELOPMENT MASTER PLAN OF CANDIOTA/RS IN THE PERPECTIVE OF THE BUILT HERITAGE.	
Renan Rosso Bicca Jose Leonardo De Souza Castilho Maria De Fátima Schmidt Barbosa Maria Elaine Dos Santos Leon Magali Nocchi Collares Gonçalves Mariana Hoesel Scherer Marília Pereira De Ardivino Barbosa DOI 10.35587/brj.ed.0000326	
CAPÍTULO 03	32
A IMPORTÂNCIA DE FRIDA VINGREN PARA A HISTÓRIA DA ASSEMBLÉIA DE DEUS NO BRASIL.	
Sulianne Idalior Paião Rosado Vander Anderson Paião Andrea Lima Resende Suanne Malu Paião Ferreira Liliane Costa de Oliveira DOI 10.35587/brj.ed.0000327	
CAPÍTULO 04	44
INTRAEMPREENDEDORISMO NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA: DIAGNÓSTICO PÓS REFORMA GERENCIAL.	
Michelle Oliveira do Espírito Santo Corsino Milton Augusto Pasquotto Mariani Wagner Corsino Enedino DOI 10.35587/brj.ed.0000328	
CAPÍTULO 05	63
UMA VISÃO SOBRE OS AGENTES PRODUTORES DO ESPAÇO URBANO: O CASO DE MACAPÁ – AP.	
Ana Paula Cascaes Rodrigues DOI 10.35587/brj.ed.0000329	
CAPÍTULO 06	77
MAPAS CONCEITUAIS: COMO USO DA METODOLOGIA DE ENSINO E PESQUISA PARA O ESTUDO DE DESENVOLVIMENTO DE PROJETO ARQUITETÔNICO	
Emanuela Cristina Montoni da Silva	

Flaviana Nogueira de Lima
Luiz Felipe Oliveira Luna de Farias
Tacyana Cinthya Matos Batista
Vinicius José Lopes Cursino
DOI 10.35587/brj.ed.0000330

CAPÍTULO 07..... 82

GLOBALIZACIÓN Y GÉNERO. LAS MUJERES AFRODESCENDIENTES DE COSTA CHICA MEXICO. ALGUNAS EXPERIENCIAS CON LA VIOLENCIA.

Hilda Beatriz Salmerón García
DOI 10.35587/brj.ed.0000331

CAPÍTULO 08..... 119

COMO PAIS E MÃES TÊM DIVIDIDO A TAREFA DE CUIDAR DE FILHOS EM CUIABÁ-MT.

André Luís Ribeiro Lacerda
DOI 10.35587/brj.ed.0000332

CAPÍTULO 09..... 131

BRASIL E CHINA NA GEOPOLÍTICA DO CAPITALISMO: NOTAS SOBRE ACORDOS BILATERAIS, COMÉRCIO EXTERIOR E O FUTURO (2008 – 2019)

Raimundo Jucier Sousa de Assis
Osmar Fernando Alves da Silva
DOI 10.35587/brj.ed.0000333

CAPÍTULO 10..... 150

A CONSTRUÇÃO DO PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: UM ESTUDO DE CASO.

Loreine Hermida da Silva e Silva
Daniele dos Santos Zeferino
Elizabeth da Silva Guedes
DOI 10.35587/brj.ed.0000334

CAPÍTULO 11..... 171

REFLEXÕES SOBRE O CICLO DA VIOLENCIA DOMÉSTICA A PARTIR DO CREAS DE PARANAÍ/PR.

Ana Letícia Soares Batista
Maria Inez Barboza Marques
DOI 10.35587/brj.ed.0000335

CAPÍTULO 12..... 182

SIMULAÇÃO DE UM SISTEMA DE FILAS EM UMA CASA LOTÉRICA DE MACAPÁ, UTILIZANDO O SOFTWARE ARENA.

Fernando Rodrigues Dos Santos
Sil Franciley Dos Santos Quaresma
Kleber Bittencourt Oliveira
Edílson Marques Magalhães
DOI 10.35587/brj.ed.0000336

CAPÍTULO 13.....	205
PROPOSTA PARA IMPLEMENTAÇÃO DA LICITAÇÃO SUSTENTÁVEL NO MUNICÍPIO DE SANTIAGO/RS. Alan Pires Scheila Daiana Severo Hollveg Fernanda Rezer de Menezes Jorge Padilha dos Santos DOI 10.35587/brj.ed.0000337	
CAPÍTULO 14.....	225
PROJETO DE MATRICIAMENTO JUDICIÁRIO: UMA PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO TRABALHO INTERPROFISSIONAL NO ÂMBITO DA JUSTIÇA. Geisiele Aparecida da Silva Rosária Marília da Silva Edson Roberto Arpini Miguel DOI 10.35587/brj.ed.0000338	
CAPÍTULO 15.....	233
A BASE DE LOGÍSTICA DE DEFESA, INOVAÇÃO E INDÚSTRIA NACIONAL: O PROSUB E A ANÁLISE CIENTÍFICO-TECNOLÓGICA EM ESTUDO COMPARADO DE BRASIL E FRANÇA. Luiz Ricardo Silva Ferreira DOI 10.35587/brj.ed.0000339	
CAPÍTULO 16.....	248
SELF-CONCEPT AS AN ARTIFACT EVALUATE TOOL - GENERATING EVIDENCE ON THE USE OF SELF-CONCEPT, AN ARTIFACT ASSESSMENT TOOL, WITH MOVIE EVALUATION. Cecilia Eloy Neves Maria Renata da Silva Eloy Prof. Dr. Fábio Ferreira da Costa Campos Prof. Dr. Walter Franklin DOI 10.35587/brj.ed.0000340	
CAPÍTULO 17.....	264
ORGANIZAÇÃO E PRÁTICAS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA COM AGRICULTORES FAMILIARES: O CASO DO INSTITUTO CHÃO. Eduardo Figueiredo Adriana Estela Sanjuan Montebello Luiz Antônio Cabello Norder DOI 10.35587/brj.ed.0000341	
CAPÍTULO 18.....	287
DISCLOSURE SOCIOAMBIENTAL CONFORME AS ORIENTAÇÕES DA NBCT-15: UM ESTUDO REALIZADO NAS MAIORES EMPRESAS DE CAPITAL ABERTO NO BRASIL. Ana Paula Ferreira da Silva Conceição de Moura Diniz Teixeira Jairo Pereira DOI 10.35587/brj.ed.0000342	

CAPÍTULO 19.....	305
INDICADORES DE DESEMPENHO UTILIZADOS NOS MAPAS ESTRATÉGICOS DO <i>BALANCED SCORECARD</i> : UM ESTUDO REALIZADO EM EMPRESAS BRASILEIRAS DO SETOR ELÉTRICO.	
Ana Paula Ferreira da Silva Flávia Fernanda da Silva Moura Jairo Pereira DOI 10.35587/brj.ed.0000343	
CAPÍTULO 20.....	325
AGENTES DE LIGAÇÕES CRUZADAS DE ORIGEM NATURAL E SUA INFLUÊNCIA NA LONGEVIDADE DA INTERFACE ADESIVA: REVISÃO DE LITERATURA.	
Lucas Lino de Oliveira Eduardo da Cunha Queiroz Zidane Hurtado Rabelo Nadine Pinheiro Linhares Lucas Dantas Rodrigues Maria Mikaela Mota Rodrigues Maria Clara Ayres Estellita Samuel Chillavert Dias Pascoal Talita Arrais Daniel Mendes DOI 10.35587/brj.ed.0000359	
SOBRE O ORGANIZADOR	339

CAPÍTULO 07

GLOBALIZACIÓN Y GÉNERO. LAS MUJERES AFRODESCENDIENTES DE COSTA CHICA MEXICO. ALGUNAS EXPERIENCIAS CON LA VIOLENCIA.

Hilda Beatriz Salmerón García

Facultad de Filosofía y Letras

Instituição: Universidad Nacional Autónoma de México UNAM

E-mail: hilda.salmeron@gmail.com

Con el círculo ecuatorial
ceñido a la cintura
como a un pequeño mundo,
la negra, la mujer nueva,
avanza en su ligera
bata de serpiente.
Coronada de palmas
como una diosa
recién llegada,
ella trae la palabra
inedita el anca fuerte,
la voz, el diente,
la mañana y el salto.
Chorro de sangre joven
bajo un pedazo de piel fresca,
y el pie incansable para
la pista profunda del tambor.
MUJER NUEVA
Poemas de Nicolás Guillén

RESUMEN: A través de la globalización, que es la economía donde ganan pocos, empobrecen muchos se atraviesan desigualdades de género, etnia y clase, las cuales se hacen más profundas en los grupos minoritarios y originarios pues el estado de derecho se diluye ante la influencia del narcotráfico, emigración, analfabetismo y desempleo, así sucede con mujeres afro de la Costa Chica que es una extensión al Pacífico de los estados de Guerrero y de Oaxaca. En los cuerpos femeninos se ejerce la doble moral, por un lado el desprecio al ser negras y por otro toda la hipersexualidad que a sus cuerpos se les atribuye; muchas emigran al norte a prostituirse y regresan a sus comunidades las cuales no tienen los servicios básicos, y a ser juzgadas como malas mujeres. Eso sin contar la tradición de robarse a las mujeres, deshonrarlas y hacerlas meros objetos sin valor, por ello tienen que padecer violencia doméstica. Las leyes ayudan muy poco a su defensa y han sido manipuladas a partir de la Ley emanada de la ahora cd. de México.

PALABRAS-CLAVE: Feminismo, globalización, afromexicanas.

RESUMO: Através da globalização, que é a economia em que poucos ganham, muitos empobrecem muitas desigualdades de gênero, étnicas e de classe, que se aprofundam em grupos minoritários e indígenas, à medida que o Estado de Direito é

diluído sob a influência do narcotráfico. , emigração, analfabetismo e desemprego, é o caso das mulheres afro da Costa Chica, que é uma extensão ao Pacífico dos estados de Guerrero e Oaxaca. Nos corpos femininos, exercem-se padrões duplos, por um lado, o desprezo por serem negros e, por outro, toda a hipersexualidade atribuída a seus corpos; muitos migram para o norte para se prostituir e voltar para suas comunidades, que carecem de serviços básicos, e para serem julgados como mulheres ruins. Isso sem contar com a tradição de roubar as mulheres, desonrá-las e torná-las meros objetos inúteis; por esse motivo, elas sofrem violência doméstica. As leis pouco fazem para defendê-la e foram manipuladas com base na lei que emana do agora cd. do México.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo, globalização, afro-mexicana.

1. INTRODUCCIÓN

El sistema económico llamado globalización ha devastado no sólo los sistemas económicos, los estados y el planeta, sino la subjetividad, las poblaciones, el pensamiento como individuos, a las grandes firmas transnacionales, más preocupadas por las ganancias, ni siquiera les interesa causar catástrofes ecológicas, guerras, “limpiezas étnicas”, sino ganar más y más dinero, pues ello significa el control, el poder aún sobre los estados. Ellos, las transnacionales, deciden sobre políticas públicas, sobre gastos y se apropian de los recursos del mundo.

Con el gran avance de las tecnologías el sistema bancario y comercial se hace virtual, dando una ventaja más a las grandes compañías sobre de cualquier Estado y por supuesto de cualquier individuo, ya que tienen una capacidad grande para el manejo de la economía a nivel mundial. La tarea de este artículo es confrontar esta globalización a través de un enfoque de género, acercarnos al problema de las mujeres y de las jóvenes de Costa Chica, México, y la experiencia de la violencia. Para ello, intentaremos definir primero que es la globalización, qué es el género, la utilización del feminismo como categoría y aplicarlo a nuestras poblaciones afroamericanas, conocer sus repercusiones. Es interesante y urgente el tema pues a Latinoamérica fueron traídos millones de esclavos de África y sin embargo la gente se pregunta si en México o en el resto de Latinoamérica hay afros. Esto es un grave desconocimiento de la historia pero sobre todo de nuestras raíces que son mestizas: españolas, indígenas y afros. Por ello América Latina es un lugar lleno de riquezas, sabores, olores y paraísos, ultrajados⁹, quedados en la ruina debido a las políticas económicas que sumen en la pobreza a los más pobres y marginados: los afros y dentro de ellos, a las mujeres. Este trabajo intenta hacer visibles sus problemáticas, sin blanqueamiento y sin los ojos del colonizador, espero se logre el objetivo.

2. GLOBALIZACIÓN, MUNDIALIZACIÓN

Por cuestiones etimológicas hay autores que consideran más adecuado el término mundialización, de la palabra francesa mondialisation, en lugar de globalización, proveniente del anglicismo globalization.

Para Galeano, la globalización, es la seducción de un consumismo que arruinará económica y moralmente a la mayoría.

⁹ Cfr. Eduardo Galeano. *Las venas abiertas de América Latina*.

Podría llamarse Asociación para el Exterminio del Planeta y sus Alrededores. Pero no: se llama Centro Mundial para el Medio Ambiente. Entre sus miembros figuran *British Petroleum, Occidental Petroleum, Exxon, Texaco, International Paper, Weyerhaeuser, Novartis, Monsanto, BASF, Dow Chemical y Royal Dutch Shell*. Todos estos amigos de la naturaleza y de la especie humana, que periódicamente se condecoran entre sí, anunciaron que la empresa *Shell* recibirá la Medalla de Oro del Medio Ambiente correspondiente a 2001. Entre los muchos méritos de la empresa, cabe mencionar sus esfuerzos por arrasar el delta del Níger y por lograr que la dictadura de Nigeria enviara a la horca, en 1995, al escritor Ken Saro-Wiwa y a otra gente molesta que andaba protestando.¹⁰

Para el maestro Aguilar¹¹, la globalización inicia con la crisis de 1995 y tiene su origen con la caída de la tasa de ganancia; el neoliberalismo es una política e ideología conservadora, que trae desigualdad mayor entre los países, y pérdida de soberanía, aumento de desempleo y expansión de la pobreza. Aguilar, se opone de manera radical a la globalización, está en contra de las políticas de la gran burguesía financiera e ideológica.

Para John Williamson, en 1989, se trata del Consenso de Washington, que incluye el programa de globalización: disciplina fiscal, reordenamiento de las prioridades del gasto público, reforma impositiva, liberalización de las tasas de interés, una tasa de cambio competitiva, liberalización del comercio internacional (*trade liberalization*), liberalización de la entrada de inversiones extranjeras directas, privatización¹².

La Creación en 1995 de la Organización Mundial de Comercio OMC es uno de los momentos decisivos de la globalización. Por estar integrada por la mayoría de los países de la población mundial, regulan, entre otras cosas: propiedad intelectual, regulación de empresas y capitales, subsidios, tratados de libre comercio y de integración económica, régimen de servicios comerciales (especialmente educación y salud), etc.

De acuerdo con Dávalos López¹³ los neoliberales se autodenominan modernos, se llaman a sí mismo liberales, clásicos y tienen varios ideólogos, como Fukuyama¹⁴, por su “fácil” manejo de un problema crucial como el hombre en la historia; pero también grandes ideólogos que fundamentan y defienden que no se gaste en políticas

¹⁰ Eduardo Galeano. *Humor negro* http://www.indiga.org/global/galeano_humornegro.php

¹¹ Cfr. Aguilar Monteverde, Alonso. *Capitalismo y globalización y capitalismo*.

¹² Citado en Aguilar Monteverde, opus cit

¹³ Juan José, Dávalos López. *Seminario crisis del socialismo, crisis del capitalismo, y alternativas de modernidad en el siglo XXI* Universidad Obrera, primavera y verano (comunicación personal)

¹⁴ Fukuyama. *El fin de la historia y el último hombre*.

http://www.posgrado.unam.mx/publicaciones/ant_omnia/22/02.pdf

públicas como: Milton Friedman, FA von Hayek, George Stigler, James M. Buchanan, Maurice Allais, Ronald Coase, Gary Becker, Vernon Smimth, estos últimos todos, ganadores del premio nobel de Economía, Wildelberg que son la burguesía organizada y que constituyen la Mont Pelerin Society¹⁵.

De una manera novelada y accesible, Vivian Forrester¹⁶ fue de las primeras escritoras serias y accesibles que hablaron sobre la globalización, sostiene que las sociedades contemporáneas están gobernadas por una extraña dictadura y por un nuevo totalitarismo. A diferencia de las tiranías tradicionales, se trata de una dictadura sin dictador, sin partido único de Estado, salvo algunas excepciones como China, Cuba, Irán, Arabia Saudita, Siria, Nepal y otros países.

El poder lo ejercen: Fondo Monetario, Banco Mundial y Organización Mundial de Comercio quienes determinan las principales políticas económicas y sociales y se trata de “un poder convertido en una potencia anónima, abstracta, inalcanzable, que determinará la política planetaria.”¹⁷ Las matanzas, la explotación por Forrester narradas se realizan en los países del tercer mundo, que tienen como objetivo la maximización de la ganancia. Las grandes decisiones públicas y privadas se justifican por la búsqueda de la eficacia, la competitividad, las necesidades de racionalización y otro. Todas las grandes empresas, han disminuido su personal, aun cuando hayan aumentado su tasa de ganancia y vuelve al principio de su primer libro *El horror económico*, el trabajo tiende a desaparecer.

Los efectos psicosociales del desempleo prolongado son dramáticos: empobrecimiento, pérdida de autoestima, autoculpabilización, desesperanza que lleva a abandonar la búsqueda de empleo y el deterioro de las relaciones familiares, entre otros. Algo que es peor a la explotación es que ni hombres ni mujeres ya ni siquiera sirven para ser esclavos. La economía es cada vez más especulativa y menos basada en activos reales. Para la autora no se trata de crisis, sino de mutación violenta de nuestra civilización. Ianni¹⁸, sostiene que el mundo es una aldea global, donde somos modernos y tenemos experiencia vital, que es la experiencia del tiempo y el espacio, de uno mismo y de los demás, de las posibilidades y los peligros de vida. Ser modernos lo define como encontrarnos en un entorno que nos promete aventuras,

¹⁵ <https://www.montpelerin.org/montpelerin/home.html> (visto e 30 de septiembre, 2013)

¹⁶ Vivian, Forrester. *El horror económico*. FCE México, 1996 14 edic.

¹⁷ Vivian Forrester. *Una extraña dictadura*. Fondo de Cultura Económica, Buenos Aires, 2000, p. 79

¹⁸ Ianni, Octavio. *Teorías de la globalización*. S XXI, 1996, 1ª. Edic.

poder, alegría, crecimiento, transformación de nosotros y el mundo. Y eso tiene el peligro de ser destruido.

En síntesis, la formación de la sociedad global reabre la problemática de la modernidad en sus implicaciones filosóficas, científicas y artísticas. En el ámbito de la globalización de las cosas, gentes e ideas, se modifican los marcos sociales, y mentales de referencia. Todo lo que es evidentemente local, nacional y regional se revela también global. Las relaciones, los procesos y las estructuras característicos de la globalización infunden nuevos significados en prácticamente todas las realidades preexistentes.

Naomi Klein, periodista y escritora canadiense, en el año 2000, publicó el libro *No Logo*¹⁹, el cual para muchos se ha convertido en un manifiesto de los Movimientos Anti-Globalización de las Corporaciones Privadas. En éste, ataca la Cultura de Consumo orientada por Segmentos y las operaciones de Grandes Corporaciones Empresariales. Hace graves acusaciones sobre lo que estas corporaciones hacen a los trabajadores, quienes son explotados sin ninguna ética, esto sucede en los países pobres del mundo, donde las grandes empresas sólo buscan grandes beneficios. Explica cómo Nike, empresa transnacional y de gran prestigio con tiendas enormes y elegantes y de ahí nos transporta a los talleres indonesios, donde el trabajo es la degradación de los trabajadores y la violación a los derechos humanos, entre muchas marcas y muchas fábricas que gobiernan el mundo. Por un lado resulta el glamour y fomentan la ideología del consumo y por otro, desbaratan poblaciones, países y por supuesto, individuos, sin el menor escrúpulo.

En su segundo libro, Klein identifica la "doctrina del shock", elaborada por Joseph Schumpeter (quien se destacó por sus investigaciones sobre el ciclo económico y por sus teorías sobre la importancia vital del empresario, subrayando su papel en la innovación que determinan el aumento y la disminución de la prosperidad), como las últimas etapas de la "creación destructiva". *La doctrina del shock* es la historia no oficial del libre mercado. Desde Chile hasta Rusia, desde Sudáfrica hasta Canadá la implantación del libre mercado responde a un programa de ingeniería social y económica que la autora identifica como "capitalismo del desastre", en donde, las pérdidas humanas, están planificadas pues a la larga, eso traerá desmesuradas ganancias.

¹⁹Klein, Naomi. *No Logo: El poder de las marcas*. México, Paidós 2002

Actualmente se encuentra trabajando sobre cuestiones medioambientales, en torno al cambio climático y a la empresa Monsanto, otra transnacional que atenta contra la vida del planeta y contra pueblos enteros a través de sus transgénicos.

En síntesis, la globalización es la herramienta más poderosa para realizar dinero, utilizando todas las tecnologías como transgénicos, modificación de ADN, para revertir por ejemplo el ritmo del crecimiento y el tamaño de los alimentos, para producir a menor costo y a mayor escala, sin importar el daño que cause a la tierra, a los animales (criados en granjas factorías con gran sufrimiento, obligándolos a comer hormonas para crecer y reproducirse rápidamente) y a los humanos. Otra estrategia que deja cuantiosas ganancias es la generación de guerras, como cuando Irak invade Kuwait, y después, la ONU, y los israelíes, entre otros”²⁰, cobra los daños que el invasor causó, los principales beneficiados fueron Israel y la ONU.”. En el neoliberalismo y la globalización volvemos a observar que lo importante es proteger las ganancias como sucedió en México, cuando Enrique Peña Nieto exime a Televisa, a Coca Cola del pago de impuestos y cuando lo hacen, estos resultan irrisorios, dado que hablamos de grandes transnacionales que no les interesan los derechos humanos, el nivel de vida, la calidad, ni nada de todos los derechos que los clase medieras con algo de educación reclamamos.

Lo anterior lo han denunciado personalidades como Claudia Rosett²¹, quien se unió a *The Wall Street Journal* (1984), posteriormente, en 1992 se muda a la India y luego a Moscú. Regresa a Nueva York en 1997, formando parte del consejo editorial, escribe en *The Real Word*, para la publicación arriba mencionada.

La globalización a diferencia del capitalismo incipiente, tiene a su favor, el avance de la tecnología, como el espionaje a todos los ciudadanos mediante el *Facebook*, la explotación de las tierras y el desplazamiento de los grupos étnicos, las limpiezas étnicas o el terror como sucede con los Zetas, los Caballeros Templarios, en buena parte de México y los delitos quedan impunes.

El dinero, a través de la Banca Electrónica, también queda a disposición de las grandes empresas quienes aprovechando que en la mitad del mundo es de noche y en la otra de día, hacen uso de las cuentas bancarias. De hecho, son muchos los

²⁰ *Grandes Batallas* en <http://gbotd.blogspot.mx/2012/11/guerra-del-golfo-persico-1990-1991.html> consultado el 17 de octubre, 2013.

²¹ En 1990 recibió una Mención por Excelencia del *Overseas Press Club* en reconocimiento por su reportaje en escena de las Protestas de la Plaza de Tian'anmen de 1989. En 1994, publicó la historia completa de los campos de trabajo norcoreanos en el lejano oriente ruso.

trabajadores que reciben su sueldo a través de la Banca, de donde nuevamente vuelve a pasar a la Banca, sin que podamos siquiera verlo en el mejor de los casos, pues existen historias dramáticas como “El corralito” en Argentina, donde el estado despojó a los ciudadanos de sus ahorros.

La globalización se basa en el consumo, y para ello, también en vender imágenes, estereotipos de lo que es una buena vida, ser un gran ser humano, para quienes pueden consuman, mientras que otros ganen pues mediante métodos inhumanos, explotan a los trabajadores del tercer mundo, causan contaminación, muerte de los ecosistemas y los pobres cada día se vuelven más pobres. Marx señalaba al plus trabajo, que genera plusvalía y por lo tanto valor, pero ahora la cuestión es mucho más siniestra de lo que pensó Marx en algún momento ya que el dinero y la mercancía son virtuales y los esclavos ya ni siquiera son necesarios, para ciertos negocios como los bancos

Los trabajadores, que viven condiciones de esclavitud pues es muy poco el sueldo y mucho el trabajo, sin ninguna prestación, ya que hay millones de seres humanos más, el mundo está sobrepoblado y siempre existirá miseria y mano de obra barata que permitan reducir costos y obtener más y más ganancias.

3. EL GÉNERO Y/O EL FEMINISMO

Para la autora chilena, de reciente deceso, Julieta Kirkwood²², es importante destacar y diferenciar el feminismo y lo político a partir de lo arbitrario de la división público privado. Para la feminista la relación es compleja. Toda política, tiene agentes activos que suponen luchan por la democracia, la igualdad, los derechos; sin embargo hay quienes dicen que la lucha será sin feminismo y por el contrario, existen quienes sostienen que el feminismo no acepta autoritarismos. Retomando a Simone de Beauvoir²³, señala la mujer siempre se da en alteridad, y sufre el autoritarismo en cualquier ámbito, esposo, jefe, padres, hijos, compañeros de trabajo. Pero siempre existirá “el jefe de familia”.

Si tomamos el concepto de privado como político, sucederán dos cuestiones basados en una percepción democrática: la estrechez del sujeto público. Ampliación y complejización del campo político al incorporarse a las mujeres como sujetas y

²² Julieta Kirwood. *Feministas y políticas*. Nueva Sociedad no. 78 Jul-agosto, 1085 pp. 62-70.

²³ Cfr. Simone de Beauvoir. *El segundo sexo*

actoras, y nuevos temas aparecen como: replanteamiento de la producción y reproducción humana, incluida la doméstica.

Formas vigentes y el sentido de participación social y la exclusión, incorporación de demandas no tradicionales a los modelos políticos, la invisibilidad, causas y consecuencias (violencia sexual y doméstica, prostitución, abusos en la planificación familiar. La mujer como sujeto político, revirtiendo el patriarcado mediante cambios culturales. Ser política y ser feminista, también plantea varios problemas. Sostengo junto con Merola, que:

El feminismo es un movimiento social y no una ideología, un movimiento de rebelión contra un orden no natural, por tanto, modificable. También afirma que el feminismo debe ser una ciencia con concepción materialista. Como hecho político concreto afirma, “la conciencia de opresión de las mujeres está surgiendo después del movimiento social real. Ni la lucha de clases debe subordinarse al feminismo ni el feminismo a la lucha de clases. Como movimiento social debe ser autónomo. Un hecho indiscutible y que sobrepasa la polémica: el movimiento feminista toma cuerpo y crece en los países de América Latina. La autora constata que partidos políticos de izquierda y aún algunos de sus egregios representantes miran con reticencia este movimiento y se permiten incalificables desmanes con juegos de palabras peyorativas y afanosos de ridiculizar un fenómeno que ningún individuo culto –sea hombre o mujer- puede negar ni desconocer”²⁴.

La perspectiva de género, es una corriente del feminismo, que se enfrenta al patriarcado que daña a hombres y a mujeres, imponiendo una “esencia”, que se cree dada por la naturaleza y la biología. A partir, de las creencias culturales, que siempre favorecen al hombre, se genera una moralina y se castiga a los individuos con esta desviación.

Sin embargo, a pesar de que a hombres y a mujeres nos va mal con el patriarcado, los hombres obtienen “ciertos privilegios” al salir mejor evaluados que las mujeres, pues se supone que los hombres son más racionales, al no tener menstruación, según se hacen menos emotivos o bipolares, son más sexuales que éstas (lo cual “justifica” su infidelidad, atribuyendo incluso a la falta de sexo su malestar físico e incluso sostienen que no se sacian con la masturbación, sino que necesitan “mujer”) a las que pueden violar o utilizan como prostitutas para su desfogue

Por su parte, a las mujeres se les atribuye características que tienen que ver con la crianza de los hijos y el cuidado familiar, fundamentándolo en cuestiones biológicas como su naturaleza. Es claro que esta ideología machista y patriarcal ha

²⁴ Giovanna Mérola. L. *Feminismo: un movimiento social*. Nueva Sociedad. No. 78 Julio-Agosto, 1985 pp. 112-117

denigrado por muchos años a la mujer, suponiéndola inferior que al hombre y obligándola a hacer dobles y triples jornadas pues se supone que “a ella le toca el trabajo del hogar”, el cual nunca se acaba, no es reconocido y los hombres “no pueden ayudar”, puesto que se verían femeninos. Estas normas de conducta, han permeado la mentalidad de los hombres y las mujeres de tal forma que lo femenino es considerado de poco valor y a lo masculino se le atribuyen valores como “jefe de familia”, quien toma las decisiones de lo que a todos los miembros de la familia les “conviene”, etc.

Tan es así que siguen los chistes, las canciones y el imaginario, apoyado en las televisoras mexicanas, TELEVISA y TV AZTECA, fomentando la imagen de mujer linda, como objeto suntuario y de uso sexual. De tal forma que esta construcción arbitraria del mundo, va conformando los roles que se atribuyen a unos y a otras, generando enemistad, competencia, pero sobre todo violencia.

Lo cierto es que mientras el feminismo ha existido siempre, pues las mujeres además de luchar con sus compañeros a lo largo y ancho de la historia y del mundo, se han enfrentado a la discriminación y al no reconocimiento de sus derechos sean estos de índole “público o privado”, afectando su desarrollo emocional, intelectual, familiar, social, laboral y escolar, pero no porque sea tonta, sino que simplemente no se le valora y su educación en cualquier ámbito, se ve como una mala inversión, sobre todo en los niveles rurales y de medios económicos bajos.

Las mujeres siempre han combatido, y también han trabajado sin ser reconocido, a pesar de haber defendido a los marxistas y de haber pensadoras de la talla de Rosa Luxemburgo, a quien sus mismos compañeros discriminaban aparte de mujer por sus características físicas. La torturan, la asesinan y su cuerpo es encontrado hasta los quince días después de su muerte. Y así podemos citar mujeres anarquistas, maoístas, troskistas, que aparte de luchar por las causas sociales, tenían que defender sus derechos, de los cuales nadie había hablado. Y cuando las mataban lo hacían con más saña que con sus compañeros, aplicaban “el castigo ejemplar”.

Después, con el sufragio, los gobiernos utilizan el derecho como botín para sus intereses y no cumplen sus promesas una vez que se encuentran en el poder, las luchas fueron muchos y hay quienes las ubican desde la Revolución. Desde 1916, se reconoce la igualdad política, en 1947, con Miguel Alemán se le reconoce el derecho a votar y ser votada y en hasta 1952 cuando Ruiz Cortines en México, en 1952 cuando fue elegido candidato a la presidencia y no es sino hasta 1953, después de dar largas,

vueltas, decir a las mujeres que no las podía atender, que requería la firma de todas etc.²⁵ . De esta forma, observamos que el feminismo se ha dado a lo largo de la historia, sin embargo se le ha desdibujado.

Para Lourdes Benería, en el feminismo “se trata de combinar el énfasis en la diferencia con la búsqueda de igualdad, y preservar rasgos de género que contribuyen al bienestar individual, familiar y humano, sin generar o perpetuar desigualdades de género basadas en relaciones de poder desiguales”²⁶.

¿Cuándo se cambió del género al feminismo?, de acuerdo con Eugenio Dorao²⁷, El Feminismo de Género (FG) es una ideología dogmática que nace en septiembre de 1969 en la Universidad de San Diego (California), con el diseño y apoyo financiero por parte de la Fundación Ford del que fue el primer curso de una nueva disciplina denominada *Women´s Studies*. A partir de ésta fecha la misma Fundación Ford, bajo la presidencia de Mr. George Bundy, el ex Director para la Seguridad de EEUU, financia y promueve la creación de centenares de Departamentos de *Women´s Studies* a comienzos de los años 70. Estas “nuevas disciplinas” junto a las “*Divinity Schools*” y los “*Afroamerican Studies*” son apoyadas y financiadas por la Filantropía Americana, de la que la Fundación Ford y la Fundación Rockefeller son el máximo exponente (por su dimensión) seguidas de decenas de fundaciones hoy día integradas en el llamado “*Counseil of Foundations*”. Anteriormente a la creación de los *Women´s Studies*, no podemos negar trabajos teóricos que sustentan las tesis del FG, pero que de no haber sido promocionados a través de estos departamentos su relevancia hubiese sido casi nula.

Continúa Dorao:

Gloria Steinem, de origen judío, perteneció en los años 60 al ala más radical de la CIA en su lucha contra el comunismo ("The CIA Old Boys"), y fue artífice del siniestro "Festival de Viena", creado por la CIA para controlar a la izquierda centroeuropea. Gloria Steinem fue cofundadora en 1971 del NWPC National Women's Polític Caucus y de la revista Ms (la más antigua y primera revista del Feminismo de Género del mundo), ambas con el apoyo de la Fundación Ford y de su presidente Bundy, justamente en coincidencia con la implantación de los *Women´s Studies*. Para el autor, se ha conseguido muy poco con los programas y es ésta una forma de infiltrarse en las familias y modificarlas.

²⁵ Cfr. Enriqueta Tuñón Pablos. Los movimientos de las mujeres en pro del sufragio en México, 1917-1953 pp 13-150 digital.uv.mx/bitstream/123456789/8788/1/sotav4-Pag--131-150.pdf consultado el 17 de octubre, 2013 pp. 145 y ss.

²⁶ Lourdes Benería. *Mercados globales, género y el hombre de Davos*. p. 34

²⁷ Eugenio Dorao. *El feminismo de género. ¿Qué es el feminismo de género?* Resumen de la Ponencia presentada en Salamanca el 16 de Junio de 2006, en los salones de CajaDuero, con motivo de la I Jornadas Separación y Divorcio organizadas por APFS Salamanca

Sin embargo, creo que también y a pesar de lo dicho por el mencionado autor, es cierto que de lo que se ha ganado en las Universidades es que los estudios y las investigaciones, tomen en cuenta la perspectiva de género, ya que al ser los géneros fenómenos culturales, preguntémonos, qué sucede con los hombres y con las mujeres. Pues hace rato que el sujeto de la historia, el sujeto de Aristóteles y de tantos otros pensadores, también tiene sexo y entonces obedece a un género circunscrito social e históricamente.

Siguiendo la línea del feminismo, defendido y enseñado por Alba Carosio, quien ubica a nuestro tiempo en el feminismo de la 2ª. Y la 3ª. Ola, siendo la primera Ola, la de la Ilustración y las mujeres sufragistas. Continuando con Carosio²⁸, el feminismo de la 2ª. Ola, que se da durante la segunda mitad del siglo XX, se encuentra interesado en modificar las concepciones de sexualidad y cuerpo y replantear la división arbitraria de lo público y privado, solicitando mejor remuneración económica por ser mujer, mayor educación y repartición equitativa del trabajo doméstico. Y es el feminismo de la 3ª. Ola, quien se encarga de las diferencias étnicas y raciales de las minorías, los indígenas, los afros, los homosexuales y *queers* y es en donde la idea del estado nación, se ve cuestionada. Creo que en América Latina, seguimos en la 2ª. Y 3ª. Ola dada la diversidad cultural que tienen nuestros pueblos.

El feminismo y los estudios de género, de las mitades del siglo xx, han abarcado a las minorías, de tal forma que no sólo se ve el capital sino también el patriarcado y cómo afecta a ambos géneros, pues al ser estereotipos, obligan y someten al cuerpo de todos los individuos a normalizarse y ser iguales a un ideal que no existe, de esta forma a los hombres se les pide ser racionales, hipersexuales, proveedores, agresivos (que a veces se confunde con la violencia como veremos más adelante) y ser jefes de familia, (dando cabida a una serie de patologías como los celos, el control, las decisiones “fuertes”), por su parte, a la mujer se le pide exactamente lo contrario, (sumisas, sacrificadas, de poca sexualidad, salvo que caigan en la categoría de prostitutas, infieles o malas madres/ esposas, cariñosas) y siempre observando los intereses de la familia por encima de los suyos (hijos, marido, padre, hermanos o comunidad).

De esta forma, los estudios de género, pueden ser aplicados a cualquier disciplina. Poco a poco los mencionados estudios irán desmitificando los

²⁸ Cfr. Alba Carosio. El feminismo latinoamericano y su proyecto ético-político en el siglo XXI

esencialismos arbitrariamente atribuidos a los sexos e irán dando cuenta del fenómeno cultural al que obedece. Sin embargo, al toparnos con el concepto de globalización, la cuestión adquiere un matiz diferente. ¿Cómo impacta a la construcción de género y la globalización, como afecta a la subjetividad la cultura del deshecho?: la belleza, cada vez es más efímera, pues lo joven puede ser de los 8 años a los 24, esto conforma el imaginario colectivo que impactan a hombres y a mujeres y que como sabemos no son iguales para todos.

Las políticas globalizadoras en el rubro de la economía han privilegiado como siempre a los capitales a costa del empobrecimiento de la mayoría; de donde surge un nuevo concepto de trabajo y de salario, de propiedad privada y de marca, al punto que grandes transnacionales como Monsanto. En síntesis, la mundialización o globalización es hegemónica, de tal forma que mientras las potencias pueden colocar sus productos en diversos lugares, incluyendo a países subdesarrollados, no sucede al revés; ni los países subdesarrollados exportan, ni la mano de obra se puede cotizar alto, sino más bien son países consumidores y maquiladores, que van perpetuando las diferencias entre países y entre individuos, generando una pobreza globalizada. Sin embargo, las tics, las redes sociales y los medios de comunicación masiva, van generando un estereotipo de belleza, de ideologías que atentan contra la inter y la multiculturalidad propia del mundo, especialmente el latinoamericano y sus minorías.

Coincido con Giovana Merola²⁹ quien señala que el feminismo no es ideología, sino un movimiento social, que tiene por sobre todo una función ética, sin la cual es imposible la convivencia social y familiar, debe ser una ética de los valores del derecho a la vida, a la libertad, pues hombres y mujeres podemos liberarnos de los estereotipos que a todos nos aniquilan es un deber entonces como feministas, sea cual sea el estudio al que nos aboquemos, imprimir un enfoque de género al incluir en nuestra investigación la pregunta de qué pasa con los géneros, pues partimos de que no hay esencialismos ni algo que definan lo femenino o lo masculino *per se*; sino que ha sido cultural y siendo hegemónico el patriarcado.

4. LA POBLACIÓN AFRODESCENDIENTE

A pesar de la globalización y de prevalecer la idea decimonónica de estado nación, aun estas no hacen honor a los pueblos originarios, así encontramos mayas

²⁹ Giovana Merola *Feminismo: un movimiento social en Nueva Sociedad* p. 115

en Guatemala y México o mascogos en Estados Unidos y México, por citar un ejemplo. Somos multiculturales³⁰. Y sin embargo, los afroamericanos no tienen reconocimiento federal.

De esta forma, y mediante la globalización y su tecnología, se ha impuesto una cultura hegemónica de belleza, de estándar de vida y de felicidad y las diferencias se invisibilizan, como sucede con los diversos y múltiples grupos étnicos que conforman América Latina, especialmente los afroamericanos.

La relación entre globalización y género, tercer mundo y afroamericanos es estrecha. La globalización al buscar mayores ganancias y tener muchísimo poder económico a través de las empresas y de medios como el Banco Mundial, la OCDE reducen y acotan los trabajos en primer lugar en materia de prestaciones, se han aumentado los años de jubilación, y se han hecho modificaciones a los sueldos para que al jubilarse las personas reciban mucho menos del sueldo en activo.

Las transnacionales quieren apropiarse de los recursos naturales de todas las naciones como ejemplo tenemos aquí a PEMEX, Cia. de Luz y Fuerza, Carreteras, Sistema del Retiro, en donde el Estado cada vez otorgue menos dinero para proyectos de Salud, Cultura de su población, generando más pobreza. La pobreza no sólo habla de sueldos bajos sino del nivel de vida donde la cultura y la recreación son partes de ella. Existe desplazamiento de comunidades por cuestiones y catástrofes climáticas, como el pasado ciclón Iris y la tormenta tropical Arturo, los afectados no recibieron ayuda; muchos perdieron sus casas al quedar sus poblados inundados. En síntesis, América Latina se ha hecho el laboratorio de las privatizaciones y el menor monto es asignado al gasto público. Los estados reciben menos y organismos como los mencionados cada vez son castigados con menos recursos, incluso para catástrofes como las vividas.

La escasa distribución económica, se hace visible en que las políticas públicas no pueden ser puestas en marcha, por ejemplo las perspectivas de género y la lucha contra la violencia a mujeres y niñas. Las poblaciones indígenas se ven ya de por sí perjudicadas, con mayor razón las afros que ni reconocimiento federal tienen aún. Las políticas públicas deben repercutir en un mayor bienestar social y siempre es difícil plasmar lo anterior al medio urbano, cuanto más al rural, donde vive nuestra referida población.

³⁰ Cfr Giovanni Sartori. *La sociedad multiétnica*.

Los empleos a los que acceden las mujeres cada vez son menos calificados y peor remunerados, el caso de México, concretamente es el de las maquilas instaladas en el norte del país. Mujeres que emigran solas para fungir como proveedoras de las familias, llegando sin dinero, sin educación y sin conocimientos. Ya hablamos de los feminicidios que ocurren y que no se ha dado con los culpables y menos se les ha castigado.

La visión patriarcal del mundo también es benéfica para las transnacionales que todo el tiempo generan estereotipos de ser hombre y mujer, y además bellos. Hay genocidios y desplazamientos de los pueblos originarios y quieren en suma, apropiarse del país. La trata, la prostitución infantil es más común en países en desarrollo y en comunidades originarias, porque la invisibilización es mayor, toda vez que no hay autoridades que comprendan la urgencia del fenómeno. No se han dado apoyos gubernamentales para mejorar la situación. El estado maneja la doble moral, aumentan los feminicidios y hace oídos sordos pero sigue castigando a las mujeres que abortan.

En general en la globalización se ha aumentado la pobreza y esta se ha feminizado, así como la misoginia y los cambios en la estructura familiar. Sin embargo, como veremos no son las mujeres las que obtienen mejores trabajos. El caso de las afrodescendientes es peor pues cuando encuentran trabajo de doméstica, empleadas, las hostigan sexualmente y no pueden ni quejarse, a riesgo de ser corridas de sus empleos. La zona es abiertamente patriarcal y prevalece el estereotipo del macho bravucón, hipersexual, el que manda (aunque no siempre provea). Muchas mujeres se dedican al comercio vendiendo comida preparada por ellas o en los mercados y para ello tienen que moverse de su pueblo hacia capitales más cercanas como Santa Rosa de Lima, Cuajinicuilapan, o hasta Pinotepa, lo cual resulta costoso. Hay quienes viajan a Acapulco, en donde luego encuentran trabajo, viviendo en condiciones de pobreza extrema o en servicios domésticos o en los hoteles como afanadoras, recamareras.

Después de tres siglos de trata de negros, enriqueciéndose del mundo las potencias como Inglaterra, Portugal, España, hayan saqueado a América Latina y exportado a los negros de África, esclavizándolos y enviándolos a las minas, al campo, gracias a ellos tenemos oro, plata, azúcar, ron y tabaco y esos países acumularon riqueza y poder. Estos hechos, generalmente se olvidan, entre muchas cosas por el blanqueamiento y porque incorporamos los ojos del colonizador.

Conociendo lo anterior, más bien la pregunta sería, si hubo tantos siglos de trata, ¿dónde quedaron los negros, qué sucedió, dónde están?, ¿cómo han contribuido con su cultura a dar riqueza y color a nuestros países latinoamericanos?, a nuestras naciones, puesto que ellos, junto con las mujeres, colaboraron en las guerras de independencia, en las revoluciones, en los movimientos libertarios, de tal suerte que a veces ser negro era sinónimo de ser rebelde³¹. Desafortunadamente, muchas poblaciones negras desaparecieron, se las acabaron y las exterminaron debido a los malos tratos, el exceso de trabajo y las condiciones insalubres en que vivían. Había muchísimos suicidios y cimarronaje.

Las ideas que apoyaban la esclavitud, consistía que el color era asociado a la maldad, flojera, falta de inteligencia dando origen al racismo y discriminación primero, que generaba y fomentaba un trato inhumano hacia los considerados inferiores. Esto se facilitó, dado que en África era aceptada la esclavitud.

Posteriormente, con la independencia, México y el mundo latino vivieron un proceso de “blanqueamiento”, que incluía a los mismos negros quienes se refieren a sí mismos como “morenos”, “quemados”, “tostados”, “costeños”, señalando que existe una mezcla “que los hace buenos o no tan malos”.

Las ideas “científicas” que apoyaron la discriminación, se basaban en Linneo, considerado “el padre de la taxonomía”, de Buffon, (1707-1788), de Blumenbach (1752-1840), Gobineau (1816-1882), ellos sostenían lo que se conocería después como el racismo científico, aduciendo características biológicas y espirituales a partir de un fenotipo, se hablaba de razas y ellos justificaban el racismo, también ideas positivistas que influyeron para que se aceptara la idea de que hay seres inferiores y otros superiores y que sobreviven los más aptos³².

Aunado a lo anterior, siguen vigentes estereotipos y dichos relativos a que lo negro es malo como “el negrito en el arroz”, “trabajar como negro”, etc. Que siguen haciendo referencia a la inferioridad a partir de un estereotipo. Por si fuera poco, las mujeres afro, sufren discriminación doble, por negras y por mujeres. El primer estudioso de lo negro fue Aguirre Beltrán en su libro *Cuijla*³³, refiriéndose al poblado que hoy se llama Cuajinicuilpan y que es casi el último pueblo de Guerrero que colinda

³¹ Como sucedió con la independencia de Haití, primer país que logró su independencia en América Latina y que los negros huyeron a Cuba diciendo que eran franceses.

³² Ma. Elisa Velázquez. *Afrodendientes en México* p. 103

³³ Cfr. Aguirre Beltrán, *Cuijla*.

con Oaxaca; ahora, se han realizado una serie de investigaciones culturales, de género y de derechos humanos que nos han mostrado algunas cuestiones acerca de las problemáticas vividas por las comunidades afro. Son los estados de Guerrero, Oaxaca, Tabasco y Veracruz, donde se asientan las poblaciones más visibles de negros, al menos por el fenotipo.

Desafortunadamente, los estereotipos de belleza como son blanco, anglo sajón y protestante se han infiltrado en el imaginario de este mundo globalizado, con lo que García Canclini³⁴ denomina el consumismo simbólico. Que quiere decir, que aunque no tengas el poder adquisitivo para comprar objetos de marca, estos se pueden obtener en el mercado, alguien siempre estará dispuesto a poner el nombre de marcas caras y otro a usar esas prendas apócrifas, pero que finalmente también se consumen apuntalando a esta sociedad globalizada donde el vender y comprar otorgan también, mayor como persona, es más un estándar deseable, el consumir ciertos artículos te brinda estatus.

Como señala Sueli Carneiro³⁵, la violación colonial perpetrada por los señores blancos a mujeres indígenas y negras y la mezcla resultante está en el origen de todas las construcciones sobre nuestra identidad nacional, estructuran el mito de la democracia racial latinoamericana, que en Brasil llegó hasta sus últimas consecuencias. Esa violencia sexual colonial es también el cimiento de todas las jerarquías de género y raza presentes en nuestras sociedades configurando lo que Ángela Gilliam define como 'la gran teoría del esperma en la conformación nacional', a través de la cual: 1. El papel de la mujer negra es rechazado en la formación de la cultura nacional; 2. La desigualdad entre hombre y mujer es erotizada; y 3. La violencia sexual contra la mujer negra ha sido convertida en un romance.

El colonialismo europeo ha marcado América Latina con cicatrices³⁶ profundas: en su mayoría es un continente católico; se rige por una economía de mercado determinada por un centro externo a la región; y su estructura social es patriarcal, racista y discriminadora.

Para el feminismo latinoamericano es muy difícil deconstruir su occidentalidad, porque ésta se impuso como sinónimo de un mundo tecnológicamente moderno y

³⁴ García Canclini. La Globalización Imaginada p. 83

³⁵ Sueli Carneiro. Ennegrecer el feminismo p. 17

³⁶ Sueli Carneiro escribió para el Seminario Internacional sobre Racismo, Xenofobia y Género organizado en Durban, Sudáfrica, el 27 y 28 de agosto de 2001

legalista que hasta las socialistas querían alcanzar. Sólo desde el análisis de la pobreza y la desigualdad como frutos de un colonialismo capitalista que necesitaba, y sigue necesitando de la contraparte pobre de la riqueza de su lugar de origen y expansión, el feminismo latinoamericano se plantea hoy la necesidad de liberarse de la perspectiva del universalismo cultural occidental, y su construcción determinista: la organización de géneros sexuales, masculino y femenino, bipolares, binarios y jerarquizados para que el trabajo gratuito de las mujeres descansa en una naturaleza invariable, construida desde la cultura.

La igualdad entre México y Centroamérica es casi unívoca, a pesar de las diferencias culturales: mujeres sometidas por el padre y el marido, golpeadas, que trabajan de la mañana a la noche sin ningún reconocimiento social o económico.

Se trata, por supuesto, de un estereotipo: en realidad todas participan de una forma especial, no necesariamente protagónica, de rituales y decisiones comunitarias, son agentes de la economía de mercado y productoras, son transmisoras de conocimientos, parteras, curanderas, madres. No obstante, la teoría feminista latinoamericana no arranca de sus saberes y muy pocas mestizas se reconocen en su historia, prefiriéndose occidentales que indias, blancas que morenas, genéricamente oprimidas que miembros de una cultura de la resistencia. En suma, seguimos con la mirada del colonizador.

Los afrodescendientes, decíamos que sufren peor que los indígenas, que ya están marginados, pues no encuentran reconocimiento y no pueden ingresar a los programas sociales como Sedesol, Conapred, etc. A efecto de generar recursos y trabajar, en primer lugar por el reconocimiento federal de que existe población afrodescendiente en nuestro país. Ha sido después de muchos esfuerzos, encuentros, desencuentros y debates es hasta el Miércoles, 05 de Junio de 2013 20:37 hrs que la Cámara de diputados, por Comunicado Congreso PRI, aceptan el reconocimiento de los afromexicanos. La reforma que reconoce constitucionalmente a los pueblos y comunidades afromexicanos, aprobada por el Pleno de la LXI Legislatura local, es un justo reconocimiento a los años de lucha de nuestros hermanos que viven en la Costa, para lograr que reconozcan sus formas de organización social, política y de gobierno³⁷. Sin embargo, el reconocimiento no es federal sino estatal, pero todos queremos que se empiecen a multiplicar los reconocimientos a lo largo de nuestro

³⁷ <http://nssoaxaca.com/politica/27-camara-de-diputados/49940-justo-el-reconocimiento-a-los-pueblos-afromexicanos-rosa-elena-pena> (páginas consultada en 11 de Julio de 2013)

país. Esta es una reivindicación social, cultural, política y económica de los pueblos afromexicanos. La diputada por el distrito de Pinotepa, en la Costa oaxaqueña, dijo que con esta Ley, el Estado reconoce también sus sistemas normativos internos, la jurisdicción que tendrán sus territorios y el acceso a los recursos naturales de sus tierras.

De igual forma, su participación en el quehacer educativo, así como en los planes y programas de desarrollo, además de sus formas de expresión religiosa y artística, la protección de las mismas y de su acervo cultural y en general para todos los elementos que configuran su identidad. Sin embargo, aunque exista el reconocimiento, aunque se asignen presupuestos a los afrodescendientes, no hay que invisibilizar la cuestión de la violencia a las mujeres que es grande con problemáticas amplias y específicas, pero que conociéndola podrá ser combatida, sin embargo, el trabajo es largo y difícil.

4. VIOLENCIA Y GÉNERO

La violencia es un proceso altamente humano y racional de acuerdo a Arendt³⁸, se hace una diferencia entre la violencia mundial (guerras, conflictos de intereses) que se le nombra como violencia estructural y la violencia hacia mujeres, niñas y jóvenes (violencia de género) y violencia familiar. La globalización sería una violencia estructural y queremos referirnos a las dos últimas.

Hay que diferenciar violencia de agresión, esta última es inherente a todos los seres vivos que defienden su territorio, su comida, a su pareja y a su familia. La violencia tiene características más sórdidas porque se da en las relaciones familiares y amorosas y por ello es tan difícil de ser percibida. Se da en hombres y mujeres pero con la agresión aceptada más en hombres que en mujeres, lo definimos como el proceso mediante el cual, generalmente el hombre señala alguna característica (arbitraria y subjetiva como el físico, la fuerza, el dinero, la inteligencia, el empleo, etc.) para decirle a la otra persona (su pareja o sus hijos) que no valen tanto como él, y que por ello, lo tienen que obedecer, de lo contrario, genera una serie de subterfugios, que van desde el dejar de hablar o generar “micromaschismos” para modificar la conducta de su pareja.

³⁸ Cfr. Hanna Arendt Sobre la violencia

La violencia no es sólo una golpiza, sino incluye descalificaciones, generar miedo en las víctimas para que controlen todo tipo de conductas “que los molesten”, pueden ser celos, salidas, toma de decisiones, etc. Que impliquen una afrenta o cuestionamiento a lo que el individuo violento considera atentar contra su poder.

Pero como el controlador acaba controlado, el hombre violento, va aumentando los mecanismos de control, (nadie controla a nadie) y se va haciendo un círculo vicioso y sordo. No se hace cargo de sus sentimientos y emociones (pues el machismo le dicta que no debe mostrarlos y ser fuerte), pero como eso no es posible, llegado el momento, montan en cólera y se “calma” golpeando primero objetos y luego “personas”, los hombres violentos también adjudican y proyectan sus emociones y el control de impulsos a sus víctimas, pues en vez de apropiarse sus sentimientos y depurarlos, afirman y además están convencidos de “que los hacen enojar”; lo que en realidad implica una tremenda dependencia emocional hacia la pareja que agreden y la poca responsabilidad y conocimiento que tienen sobre sus emociones³⁹. Como la víctima le teme, el hombre se encuentra convencido de que su trastorno se debe a su mujer quien no sabe, no sirve, etc. Atribuyéndole una serie de calificaciones devaluatorias que en mucho se apoyan en el imaginario de que a la mujer se le debe controlar. La pregunta es por qué, sigue con ella y esto se debe a su absoluta dependencia emocional. No puede vivir sin ella pues no sabría qué hacer con sus emociones.

La violencia es selectiva, pues el hombre violento no se enoja con el jefe, con personas superiores a él, este tipo de hombres, tienen como característica la frustración, la timidez y la inhibición y para complicar el cuadro pueden tener deficiencia mental, o algún problema como características sociopáticas o psicópatas, también puede tratarse de un trastorno narcisista de personalidad; sin embargo, socialmente se atribuye al hombre de la casa, vigilar por el bienestar de los demás a través de su “racionalidad”. La violencia es cíclica, después de la catástrofe viene el perdón, el romance, promesas de que todo va a cambiar, para que justamente no cambie. Los períodos de calma cada vez se hacen más breves y por ello se dice que la violencia es crónica, progresiva y mortal, puede acabar con la vida, como lo muestran los feminicidios, tipificados como la mayor violencia a las mujeres.

³⁹ El estereotipo de macho, incita estas conductas. Él puede gobernar sobre todos los miembros de su familia, y los métodos para emplearlo, han sido descritos por en los micromachismos de Jorge Corsi..

La Organización Mundial de la Salud⁴⁰ define la violencia como: “El uso intencional de la fuerza o el poder físico, de hecho o como amenaza, contra uno mismo, otra persona o un grupo o comunidad, que cause o tenga muchas probabilidades de causar lesiones, muerte, daños psicológicos, trastornos del desarrollo o privaciones”. La violencia, de acuerdo a la Nueva Ley general de acceso de las mujeres a una vida libre de violencia⁴¹, destaca en su artículo 6, los tipos de violencia contra las mujeres estos son: **I.** La violencia psicológica. Es cualquier acto u omisión que dañe la estabilidad psicológica, que puede consistir en: negligencia, abandono, descuido reiterado, celotipia, insultos, humillaciones, devaluación, marginación, indiferencia, infidelidad, comparaciones destructivas, rechazo, restricción a la autodeterminación y amenazas, las cuales conllevan a la víctima a la depresión, al aislamiento, a la devaluación de su autoestima e incluso al suicidio; **II.** La violencia física. Es cualquier acto que inflige daño no accidental, usando la fuerza física o algún tipo de arma u objeto que pueda provocar o no lesiones ya sean internas, externas, o ambas; **III.** La violencia patrimonial. Es cualquier acto u omisión que afecta la supervivencia de la víctima. Se manifiesta en: la transformación, sustracción, destrucción, retención o distracción de objetos, documentos personales, bienes y valores, derechos patrimoniales o recursos económicos destinados a satisfacer sus necesidades y puede abarcar los daños a los bienes comunes o propios de la víctima; **IV.** Violencia económica. Es toda acción u omisión del Agresor que afecta la supervivencia económica de la víctima. Se manifiesta a través de limitaciones encaminadas a controlar el ingreso de sus percepciones económicas, así como la percepción de un salario menor por igual trabajo, dentro de un mismo centro laboral;

V. La violencia sexual. Es cualquier acto que degrada o daña el cuerpo y/o la sexualidad de la Víctima y que por tanto atenta contra su libertad, dignidad e integridad física. Es una expresión de abuso de poder que implica la supremacía masculina sobre la mujer, al denigrarla y concebirla como objeto, y **VI.** Cualesquiera otras formas análogas que lesionen o sean susceptibles de dañar la dignidad, integridad o libertad de las mujeres.

Este estudio lo realizamos en los *Encuentros de Los Pueblos Negros* que se llevaron a cabo en: comunidades afrodescendientes de Charco Redondo, muy cerca

⁴⁰ Organización Mundial de la salud en

<http://psiquiatria.facmed.unam.mx/doctos/descargas/Violencia%20OMS%5B1%5D%5B1%5D.pdf>

⁴¹ Ley general de acceso de las mujeres a una vida libre de violencia.

de la laguna de Chacahua que agoniza, (municipio de Tututepec Oaxaca), en Santo Domingo de Armenta, y en Lagunillas (municipios de Pinotepa)⁴², en todos ellos aparte de las mesas y actividades varias que dieran cuenta de la identidad negra, con muestras gastronómicas, actividades culturales, deportivas, etc. Se llevaron a cabo mesas relativas a lo afro, a las mujeres y a la violencia y a los jóvenes, a la educación, a la identidad cultural. Dentro de estas mesas, entrevistamos a 20 mujeres y 20 jóvenes de cada poblado. El método era la entrevista semi estructurada, y hacíamos referencia al método sociológico de las trayectorias⁴³ y de las biografías que consiste en suponer que el joven se separa de los padres e ingresa a la vida adulta a través de los logros, tales como el estudio, el trabajo, el nacimiento del hijo, el matrimonio. Teníamos preguntas ejes como: Edad y escolaridad, estado civil. ¿Cuál ha sido su mayor logro?

Indagar sobre la violencia social vivida como discriminación y la violencia familiar en cualesquiera de sus formas y la forma de afrontarla. Aquí buscábamos la capacidad de resiliencia que es la capacidad de ser duro y flexible para soportar las embestidas de la vida.

De igual forma, indagábamos en el autoconcepto de las entrevistadas al preguntarles cómo resolvieron, qué hicieron, cómo y por qué se les ocurrió, un poco festejando su sobrevivencia, el que hayan sobrevivido a la viudez, el apoyo de las redes sociales y familiares..

4.1 EL NÚMERO DE HIJOS

También empleamos la biografía⁴⁴, para indagar sobre ciertos puntos que considerábamos necesarios., sobre todo cuando las mujeres o jóvenes participaban con mayor apertura⁴⁵.

En general, la gran mayoría de las mujeres ya no estaban casadas, su marido había muerto o las había dejado. Buscamos mayoritariamente mujeres de la tercera edad, pues mostraban mayor disposición a ser entrevistadas. A todas las habían violentado, ya sea sexualmente, física, económica y físicamente.

⁴² Esto sucedió de 2010 a 2012 en las comunidades mencionadas

⁴³ Joaquim Casal et al *Aportaciones teóricas y metodológicas a la sociología de la juventud desde la perspectiva transición* de la Universitat Autònoma de Barcelona. Departament de Sociologia Grup de Recerca Educació i Treball (GRET) 08193 Bellaterra (Barcelona). Spain Papers 79, 2006 21-48 en http://www.redligare.org/IMG/pdf/aportaciones_teoricas_metodologicas_sociologia_juventud.pdf, consultado el 17 de octubre de 2013

⁴⁴ Ibid p. 18

No sentían que pudieran solicitar ayuda pues sus padres, casi siempre las culpabilizaban y las regresaban con el cónyuge. Muchas de las entrevistadas no eran casadas, se las habían robado, o las habían violado y los padres las obligaban a casarse. Muchas mujeres no habían aún trabajado cuando ya estaban embarazadas, y cuando sus hijos estuvieron más grandecitos fue que se incorporaron a la economía con oficios como los arriba mencionados. Con trabajos mal remunerados y la exigencia de muchas horas como mostramos arriba.

Otras, seguían casadas y decían encontrarse más contentas que antes pues ya se habían “impuesto” y acostumbrado a la forma de ser del marido al que ya no le tenían miedo.

Hemos comentado que Oaxaca es el estado que ocupa los primeros lugares en violencia de género y al parecer la historia no ha cambiado. Las jóvenes sufren abuso, violación, viven la violencia en sus hogares y presentan embarazos adolescentes, así como uso de drogas, promiscuidad, prostitución, acompañada de múltiples compañeros sexuales con altas conductas de riesgo que acaban en embarazos no deseados o en transmisión de enfermedades venéreas o en VIH. Y el ciclo se repite.

Como vemos, la violencia es un tema de salud pública pues enferma, física, mental y emocionalmente a las personas que la viven. El estrés postraumático, la depresión y el síndrome de Estocolmo padecido por las mujeres las hace incapaces de defenderse y el estrés prolongado lleva al agotamiento psicológico y glandular, causante de las enfermedades de adaptación: hipertensión, diabetes, obesidad, asma, etc.⁴⁶ Las medican y el círculo no se rompe. La madre es incapaz de cuidar de sí y de sus hijos.

Pueden en cambio, generar adicciones, lo que aumenta las conductas de riesgo pues no hay un autoconcepto positivo, de logro con el decremento sustantivo de amor propio y nulo autocuidado, están a merced de los otros.

Con ese bajo autoconcepto, ya no importa nada, hay conductas de alto riesgo como la actividad sexual, la interacción sexual se inicia de manera temprana con numerosos compañeros sexuales y sin protección.

De ahí observamos o prostitución o comportamiento sexual sin inhibiciones. Aquí no hablaremos de la trata, pues ese es otro tema de violencia, sólo lo

⁴⁶ Irma Saucedo González (coord) Violencia contra las mujeres en México p.49

mencionamos. Este sucede con engaños y las alejan de sus hogares a efecto de que no puedan pedir ayuda.

El embarazo no deseado es un problema grave, se ataca a la mujer y no al hombre y puede generar (suicidio, homicidio, morbilidad, mortalidad por aborto, mortalidad materna).

Se genera un círculo vicioso: entre más violencia existe, la mujer se siente menos dispuesta a abandonar a la pareja agresora debido a que acaba creyéndose que no vale nada. También hay sentimientos de vergüenza, dolor y culpa. Y generalmente esconde su problema porque o defienden al marido golpeador y la obligan a regresar a su casa o nada más la critican sin brindarle apoyo de ningún tipo.

Además de que existe en el imaginario social la idea de que la mujer necesita ser controlada por el hombre, y se aplica la doble moral. El hombre no es visto como promiscuo y la mujer sí. El hombre no es censurado por abandonar a los hijos y la mujer ha sido mitificada como madre. Mencionamos ya que en general en Guerrero y Oaxaca, hasta hace muy poco “se robaban” a las muchachas y obviamente las obligaban a casarse pues el valor de la virginidad es muy importante.

El tema de la violación también es trascendente, frecuente y más común de lo que se cree pues se trata de ultrajar el cuerpo de la mujer que significa poder, fuerza y sometimiento, estereotipo que a veces resulta risible pues ahora se sabe que la mujer puede tener más sexo que el hombre, justo por las hormonas. La violación también deja secuelas importantes y no siempre se encuentran personas calificadas para dar tratamientos breves y efectivos, para salir adelante, sino que sigue la cadena, la mujer se victimiza y cuenta al compañero lo sucedido y eso es causa de violencia pues a través de los celos, el compañero la violenta. La mujer no ha terminado de ser un ser para sí, de conformar una idea sobre ella misma y lo más importante, de generar autocuidado.

La violación sigue ocurriendo en el matrimonio o unión libre, el hombre golpea a la mujer, la molesta y luego quiere tener sexo con ella, cuando se niega o justo por ello, la golpea. También la obliga a tener sexo con él a pesar, de que se han descubierto sus infidelidades, le ha transmitido enfermedades, negándose en muchas ocasiones a atenderse y a utilizar condón. Han sido muchas las conferencias internacionales⁴⁷ para dejar claro que la violencia existe y que ésta puede darse del

⁴⁷ El primer encuentro feminista hasta convenciones internacionales como la de Belem Do Para la del Cairo, la CEDAW, que hacen evidente la violencia que existe hacia las mujeres y las niñas.

esposo a la esposa, aquel puede violarla pues las relaciones sexuales debieran darse en libertad, son parte de los derechos sexuales de la mujer. Suponiendo el caso más escandaloso en donde la mujer infiel es descubierta por el esposo, éste no tiene la autoridad para matarla ni para golpearla, sin embargo, aún en el imaginario resulta aceptable, dado que la mujer sigue siendo vista como el ser para otros y la que debe sacrificarse por los demás. Lo peor de todo esto, es que los pocos casos que se castiga al feminicida, éste sale rápidamente pagando multas verdaderamente irrisorias. Y eso cuando se castiga.

Cuando hablamos de las mujeres negras de Costa Chica, estamos hablando de pobreza tienen baja o nula escolaridad, no tienen empleo y por supuesto que la globalización impregna el estereotipo de belleza que no consiste en ser negra y pobre.

Para Carosio, el sexo pasó de ser una parte negada de las mujeres a ser un eje fundamental en la vida, que incluye la obsesión por la belleza, la delgadez, la clase, en orden de ser deseadas sexualmente. Subyace a esta manipulación la socialización femenina en la relación con su corporalidad que impregna el imaginario colectivo y la subjetividad de cada una de las mujeres y, a la vez constituyendo uno de los aspectos normativos con mayor incidencia entre la desigualdad entre hombres y mujeres⁴⁸. Esto se aplica perfectamente a las afroamericanas, al atribuírsele un doble discurso, por un lado son “feas” y por otro “hipersexuales”. Esta paradoja en sí misma es violenta, pues pareciera que no se les reconoce su belleza sino se les ve como hembras para tener relaciones, lo cual agrava el problema.

La violencia sufrida por estas mujeres es grande, pero no llegan a ser conscientes de ella, en las entrevistas realizadas ⁴⁹ y la indagación de la violencia vivida, las mujeres dicen inmediatamente que no, pero cuando se les clarifica el concepto como la discriminación, aceptan que si la han padecido, como al pretender realizar un trámite en oficinas gubernamentales. Sin embargo, esto se vuelve parte de la cotidianidad, lo ven “normal”. Y esta es parte de la lucha contra la violencia, no es ni sano ni normal la discriminación a partir de una característica física. Pero en el

⁴⁸ Alba Carosio. *Feminismo latinoamericano: imperativo ético para la emancipación en Género y Globalización* p. 234

⁴⁹ Sobre todo han sido las Asociaciones como Epoca, México Negro, Ecosta, entre otras, quienes se han dado a la tarea de trabajar con las mujeres sobre la violencia de género en Coordinación con INMUJERES, CONAPRED, UNAM y han resaltado algunas de las problemáticas en las comunidades que conforman la población afro

papel de víctimas, esperan que el mundo cambie o que alguien haga algo. Otro círculo vicioso más.

Respecto a la violencia sufrida por su pareja, al inicio lo niegan, pero en efecto todas dicen haber sido celadas, golpeadas y castigadas por sus compañeros pues recordemos que la violencia es una forma de someter a la otra persona para obtener poder y lograr que haga lo que el violento desea.

Las mujeres son las encargadas de cuidar a los hijos, ellas cocinan, lavan y si trabajan, lo hacen en situaciones no consideradas trabajo como domésticas, ayudando, vendiendo dentro de sus casas. Y cuidando a los hijos, cuando sus esposos emigración hacia los Estados Unidos, haciéndose cargo del gasto familiar.

Cuando está el marido, ellas no deciden cómo gastar el dinero, eso lo hace el compañero. Y las mujeres que ya lograron separarse, rompen en llanto al acordarse de los malos tratos y del odio con que las golpeaban. Guardan mucho rencor y resentimiento sin un plan de protección de salud que las atienda.

Como toda sociedad machista, la de los afromexicanos no es la excepción pues las mujeres que se separan ya no vuelven a encontrar marido, “dado que están usadas”. Se sigue valorando la sexualidad sólo con la pareja. Hay ideas distorsionadas de la sexualidad y la promiscuidad, debido a los estereotipos tan diferenciados de masculino y femenino. Sin embargo, las mujeres solas, si son presas de todos los hombres que quieren aprovechar su situación.

Cuando se casan, habitualmente la mujer es quien se va a la casa de los padres del compañero, de esta forma “le enseñan cómo debe hacer las cosas” y ella no puede ni quejarse dado que todos se ponen del lado del marido.

Los hombres, la gran mayoría presenta alto grado de alcoholismo que “usan de pretexto” para la golpiza, si llegan a su casa y algo les molesta o como indicamos antes, el hombre golpea para sacar las frustraciones.

Las mujeres que demandan por golpes, encuentran todos los obstáculos, en primer lugar, la ley no las favorece⁵⁰, los encargados de la justicia, no están preparados y las mujeres no tienen recursos para ir y venir del pueblo al municipio; así que en la mayoría de los casos, no se da seguimiento a la denuncia.

⁵⁰ Hay diferencias grandes entre la ley para el DF y la de Oaxaca, cfr. Erika Lilí Díaz Cruz. *Análisis del marco jurídico en torno a la violencia de género (Oaxaca)* (Ley General de Acceso de las Mujeres a una vida Libre de Violencia y la Ley Estatal de Acceso de las Mujeres a una vida Libre de Violencia en Oaxaca) <http://observatoriojusticias.org/observatoriojusticias/pdf/leyesviolencia.pdf> (consultado el 20 de agosto de 2013)

Aunque el número de feminicidios ha aumentado, así como los suicidios, las autoridades no castigan y no dan seguimiento a las denuncias, cuando las hay, se le ha echado la culpa al narcotráfico y las autoridades no castigan el crimen.

Hay que recordar que existen comunidades recónditas y alejadas de los municipios en donde se encuentra la procuración de justicia, el terreno es amplio y con poca comunicación que faciliten el viajar.

Ya se ha intentado en Oaxaca pedir el apoyo de la Policía Ministerial por cuestiones de violencia familiar y la policía refería que no entraba hasta que tuviera orden del Ministerio Público, y éste a su vez remitía al Juez Familiar o Penal; obtener una medida derivada del procedimiento civil (porque este contempla en su contenido lo relacionado con el ámbito familiar –las necesidades de reformas son obvias y necesarias) puede llevar hasta un mes en los casos más urgentes. Ante tal impunidad, las víctimas se sienten absolutamente desprotegidas y reproducen una cosmovisión distorsionada de que el mundo es así.

Los jóvenes no corren mejor suerte, las y los jóvenes que entrevistamos inician las relaciones sexuales en un escenario de riesgo, abonado por estereotipos de género, ampliamente difundidos a lo largo de culturas y contextos sociales específicos; los cuales están imbricados a normas y valores transmitidos por los diferentes agentes de socialización que se encargan de reproducir y perpetuar una visión desigual de los géneros, basada en una relación jerárquica y de poder, donde el hombre- lo masculino es definido como lo dominante y la mujer-lo femenino pasa a ser lo dominado, ocupando una posición de subordinación con respecto al joven.

El inicio de las relaciones sexuales en la adolescencia, no se planifica, sino se da con espontaneidad y el factor “enamoramiento” tiene un efecto impulsor en la medida que condiciona la necesidad de dar y recibir placer (aunque de manera desigual para hombres y mujeres), expresándose en el ámbito de la sexualidad y específicamente a través de las relaciones íntimas.

Las motivaciones que llevan a consumir una primera experiencia sexual coital por parte de una o un adolescente están mediadas por las concepciones de género. El análisis de esta dinámica indica que está implícita la relación de poder, concentrada en la masculinidad; y en función de esta el varón pide, exige, propone y consigue; mientras que por su parte la mujer accede y complace.

Las jóvenes inician relaciones sexuales por: complacer a la pareja; presencia del deseo y la relación sexual como intercambio oportunidad de escape ante una

situación de violencia y vulnerabilidad en el hogar de origen. Por su parte, en los varones la presencia del deseo también fue identificada como motivación para iniciar las relaciones sexuales; sin embargo en el sexo masculino este “móvil” está vinculado a una necesidad de demostración de virilidad y de asumirse y ser reconocido como ‘hombre’.

Existe una contradicción entre el discurso y la práctica de adolescentes en cuanto a la edad apropiada para el inicio de las relaciones sexuales. A pesar de que las y los jóvenes reconocen “lo apropiado” en cuanto a la edad de inicio de las relaciones sexuales, no se da en la práctica, porque esta primera relación sexual durante la adolescencia es por lo regular un evento no planificado.

La sexualidad es asumida en los diferentes contextos socioculturales como tema oculto y prohibido, asociado a la perversión y promiscuidad. Al negarles el acceso a información sobre salud sexual y salud reproductiva a los y las adolescentes, se promueven prácticas de riesgo.

Los patrones de crianza que reproducen las diferencias de género, la limitada información sobre salud sexual y salud reproductiva, la deficiente comunicación en la familia y la violencia, entre otros factores; aparecen en la población estudiada como factores que influyen en el inicio de las relaciones sexuales en condiciones de riesgo para la ocurrencia de embarazos no planificados.

La crianza de las niñas y adolescentes mujeres, va orientada a la pérdida o no-construcción de su autonomía y la falta de autocuidado, en la medida que se les orienta respecto a que su persona, su cuerpo y su sexo deberá ser conservado y preparado para ser entregado al varón que será su dueño (mito de la virginidad). También encontramos casos, los menos en donde las jóvenes parejas han recurrido al uso de pastillas del día siguiente.

Los pares y los medios de comunicación ocupan lugares predominantes, como fuentes de información sobre sexualidad en la adolescencia; debido a la incapacidad de otros agentes socializantes, tales como la familia y la escuela, llamados a cumplir con este rol. Los medios de comunicación masiva, promueven a la mujer hipersexual y por supuesto las y los jóvenes de Costa Rica consumen estos imaginarios, igual que el resto de las personas construyendo estereotipos sobre la belleza y la sexualidad de hombres y mujeres.

La violencia familiar y contra las mujeres constituye un factor que predispone al embarazo en la adolescencia, propiciando el inicio de las relaciones sexuales y la

ocurrencia del embarazo como puerta de escape y la búsqueda de protección y afecto. Las actitudes y comportamientos violentos están fuertemente arraigados en la cultura de Costa Chica y se manifiestan en los diferentes contextos socioculturales. La violencia fue una situación detectada en los jóvenes, quienes la asumen como parte de su personalidad y se percibe en la relación de noviazgo, donde el varón expresa su masculinidad a través del control sobre el cuerpo y la persona de la mujer.

En los casos estudiados se reporta el embarazo como un hecho no planificado y producto de una relación sexual con la pareja sentimental. En general, en el grupo estudiado las reacciones y sentimientos iniciales son conflictivos y están presentes la negación, el miedo, el rechazo y la dificultad de enfrentar a la familia. Posteriormente, y ante la necesidad de resolver la situación, se asumen decisiones donde participa no sólo la embarazada y su pareja, sino también las familias. De manera simultánea, se crea un escenario de rechazo y cuestionamiento hacia la embarazada adolescente en sus diferentes ambientes de interacción social: familia, escuela, amigos y comunidad.

El significado del embarazo para el adolescente masculino, al igual que en el sexo femenino, está mediado por los estereotipos de género. En este sentido, el hecho de “embarazar” es asumido como una prueba de masculinidad y le confiere al adolescente un mayor posicionamiento ante sus pares y la sociedad en general.

Los resultados permiten concluir que alrededor de la dinámica del embarazo en adolescentes opera una cultura de familias amalgamadas que, a través de diversos mecanismos, amortigua los costos de la reproducción temprana. (Mudanza de la pareja con la familia de origen, provisión económica, entre otros). Esto genera más violencia pues no se le permite a la joven pareja desarrollar a su familia de acuerdo a su personalidad y características, siendo que la mujer se tiene que desdibujar y adaptarse a la “nueva familia” extensa.

Las implicaciones del embarazo en la adolescencia resultan en un impacto negativo, tanto para hombres como para mujeres, con manifestaciones en el ámbito personal, familiar, educativo y laboral, registrándose: problema de pareja y separación, conflictos familiares, presencia de violencia, deserción escolar, inserción laboral de baja calificación y mal remunerada, sobre todo en los contextos rural-tradicional y urbano-marginal.

Este impacto negativo responde, esencialmente, a la falta de respuestas de la sociedad y la deficiencia de los sistemas garantes de derechos, tales como salud, educación y justicia.

En otras ocasiones, en vez de juntarse, el joven huye del compromiso, la figura del “padre ausente” o “padre abandonador” es frecuente y se asocia a la incapacidad del adolescente de asumir un rol para el cual no está preparado. Esta situación es observada en los diferentes contextos socioculturales estudiados.

La violencia como vemos, es considerada normal o invisibilizada, no se otorga importancia de ver que un hombre golpee una mujer, por ser práctica común. Y como en todo el caso de violencia, ésta quita el poder, la autoestima y continúa hacia los hijos. Por otro lado, ¿qué opciones tiene una mujer afro y pobre, llena de hijos?, ¿a dónde puede acudir a solicitar ayuda, su pobreza puede ser superada?, ¿cuenta con herramientas para lograrlo, no sólo de personalidad menoscabada, sino habilidades para trabajar en algún puesto calificado?, ¿tendrá el ánimo y el valor de hacerlo con su escasa autoestima y amor propio?, si denuncia, ¿cómo se protege de la furia del golpeador?, ¿las autoridades, se encuentran capacitadas para tratar estos casos?. Es mucho y muy grande el trabajo que se ha hecho, pero falta más aún por hacer, sensibilizar a las mujeres, generar grupos de apoyo, intentar que los hombres asistan a los talleres, vincular a las autoridades en talleres de género, que generalmente se encuentran reacios.

Y son los médicos de clínicas pobres, con falta de medicamentos y de instalaciones apropiadas, quienes a través de discursos pseudo científicos y llenos de moralina, las regañan por tener tantos, hijos, por tener enfermedades de transmisión sexual, generando un discurso que apoya al mundo globalizado y de división de géneros en choque.

La región también se encuentra llena de cacicazgos que perpetúan el patriarcado y el machismo, las muchachas se siguen robando, violando o desapareciendo. En Oaxaca el aborto está penalizado y además, toman para la penalización características misóginas como art. 315 del Código Penal del Estado de Oaxaca:

Se impondrán de seis meses a dos años de prisión, a la madre que voluntariamente procure su aborto o consienta en que otro la haga abortar, si concurren estas tres circunstancias: I. Que no tenga mala fama; II. Que haya logrado ocultar su embarazo; y III. Que éste sea fruto de unión ilegítima. Faltando alguna de las circunstancias mencionadas, se le aplicarán de uno a cinco años de prisión⁵¹.

⁵¹ Erika Lilí Díaz Cruz ibid. p. 6.

Los hombres, por su parte, presentan alto grado de alcoholismo. Este tiene que ver, igual que otras adicciones con la incapacidad de soportar las emociones propias del estrés de la vida, y también se tiene la idea de que el hombre macho y fuerte toma mucho más que cualquiera. En nuestras indagaciones, los hombres se muestran renuentes a hablar de sus problemas y las mujeres difícilmente hablan en las mesas redondas, lo hacen aparte. Casi no participan, tienen miedo de decir tonterías porque no estudiaron.

De acuerdo a Raúl Rojas Camacho⁵², los datos obtenidos de varios trabajos sobre violencia a la mujer han reportado los siguientes: violencia sexual, abuso sexual infantil, estupro, hostigamiento sexual en diferentes espacios: laboral, educacional, otros dentro del ámbito privado (como la familia) y del orden público (como la calle), los medios de transporte, etc, violencia doméstica con sus variables vistas arriba, llamadas telefónicas obscenas, incesto, tráfico de niñas, violencia en los medios de comunicación (pornografía infantil, lenguaje escrito y gráfico), represión, tortura, mutilaciones sexuales, reales o simbólicas.

Para el autor, basándose en la IV conferencia Mundial sobre la Mujer, acción para la igualdad, el desarrollo y la paz, Pekín⁵³, Las distintas formas en que se presenta la violencia contra la mujer son: 1. Violencia de género, 2. Violencia en ciencias sociales, 3. Violencia individual y social, 4. Violencia doméstica, 5. Violencia laboral, 6. Violencia en los medios de comunicación, 7. Violencia política, 8. Violencia en la atención de la salud, 9. Violencia racial, 10. Violencia sexual

Una de las explicaciones de tanta violencia es la violencia de género y que Oaxaca tiene a muchos hombres consumidores de drogas y alcohol, aunado a las condiciones socioeconómicas, culturales, educativas de hombres y mujeres, pero, las mujeres no tienen poder adquisitivo debido a su baja escolaridad y a ellas pueden aplicarse todas las violencias arriba señaladas. Creemos que el peor grado de violencia y misoginia es el feminicidio que como vimos aumenta y es grande en esa zona.

También la figura del macho bravo, que le entra a los golpes, conquistador, parlanchín se puede ejemplificar en esta hermosa chilena llamada Soy el Negro de La costa:

⁵² Raul Rojas Camacho. *Aspectos victimológicos de los homicidios*. p. 483

⁵³ CONAPO-FNUAP, setp. 1995, p. 77

Soy el negro de la costa
de Guerrero y de Oaxaca.
No me enseñen a matar
porque se como se mata,
y en el agua se lazar,
sin que se moje la reata.

Pero ándale chiquita
que te quiero mamacita,
pero ándale preciosa
cachetes color de rosa.

Cuídate negra sureña,
No me quieras dar picones,
Dime si con otros sueñas
Para cambiar mis pasiones
Que la sangre que es costeña

No tolera las traiciones.
Pero ándale chiquita
que te quiero mamacita,
pero ándale preciosa
cachetes color de rosa.

Cierto que echo mis habladas
Pero Sóstenes me llamo,
A mi nadie me hace nada
Como quiera yo las gano,
Y no hay ley más respetada
Que el machete entre mis manos.

Pero ándale chiquita
que te quiero mamacita,
pero ándale preciosa
cachetes color de rosa.

Se han propuesto bajar los asesinatos de mujeres y niñas, cruzando datos con las personas que observan violencia como son los profesores, veterinarios, médicos y ministerios públicos, lo cierto es que lo que produce los feminicidios no son las drogas, alcohol, el narco mexicano, sino el machismo, el seguir creyendo que la mujer es inferior a partir de características sexuales o bien que los hombres son los poseedores de la sexualidad de su pareja, en síntesis, de las mujeres. Es el odio a las mujeres y tiene que ver con los imaginarios, con las figuras de traidoras, pero sobre todo con un concepto de amor enfermo, disfuncional y obsoleto que debemos combatir desde nuestras trincheras.

También el concepto de familia, de acuerdo a la que consideraba el estructuralismo y el funcionalismo, ha cambiado, en América Latina en general y en Costa Rica en particular, sufre de muchas modificaciones pues la pobreza obliga a emigrar o a hacer a las familias más extensas y ayudarse en el trabajo del hogar y de campo. La 3ª ola del feminismo hace por ello énfasis en la descolonización, dejar de vernos con los ojos de nuestros conquistadores y vernos con nuestros propios ojos.

5. CONCLUSIONES

Las familias afrodescendientes y las latinoamericanas no obedecen a lo que muchos teóricos señalaban, iniciando por las migraciones, muchos afros viajan a Estados Unidos, en busca de trabajo, de tal suerte que las familias no tienen “a la cabeza”, y conviven en los medios rurales las suegras y las nueras. Hay modificación en las formas familiares, hay quienes tienen doble ingreso, con hijos pequeños y

dependientes, a pesar de ser muchas veces monoparentales⁵⁴. Respecto a la globalización y al género, éste produce empobrecimiento de la vida privada, pues es asociada al trabajo femenino, el cual no se valora de manera suficiente, la pobreza no ayuda ni libera a nadie y menos a las mujeres pertenecientes a las minorías, el feminismo tiene mucho que hacer, debe librar varias batallas, que establezcan la fuerza, la resistencia y los derechos de las mujeres a decidir sobre sus cuerpos, sus vidas, su sexualidad, habrá que denunciar a muchos estereotipos que las canciones, el escenario popular lleva consigo recordando que el feminismo es una ética de la existencia, llena de historia y esta es plural, multicultural y también subjetiva, sin importar el género sino el ser en el mundo.

La globalización trae pobreza y menor capacidad de trabajo, esto significa que las mujeres afro, menos preparadas escolarmente, tendrán que seguir siendo explotadas sexualmente para beneficio de unos cuantos a menos que se realicen movimientos, se organicen y se reconozcan con su propia mirada y que se generen microempresas productivas, como se ha hecho en algunas regiones, se dedican a cultivar productos como mermeladas, artículos de belleza, crías de iguanas y de conejos, para ingresar al mercado laboral, pero rompiendo todo el tiempo con la idea globalizadora. Son cultivos armónicos con la naturaleza, productos orgánicos y de bajo costo para los consumidores.

La incorporación al trabajo aparte del género, también estará dada por la pobreza y por la forma en que se visten y esto es un círculo vicioso, el capitalismo y su mecanismo, exige ciertas competencias que las mujeres afro, de momento no pueden tener. Tienen otras y mejores, pero ello no le interesa a la maquinaria económica. Y si lo hacen, sabemos que como tercermundistas y minorías, las condiciones de empleo serán esclavizantes como arriba denunciaron las periodistas norteamericanas arriba citadas.

Creo que estos discursos, no hacen sino perpetuar la inequidad y las diferencias culturales entre los géneros y por supuesto su explotación en el consumo, en la división del trabajo, en la invisibilización de las violencias masculinas. Eso es más productivo, financieramente hablando que mejorar las condiciones de vida o implementar políticas públicas para abatir la pobreza, el analfabetismo y el uso irracional de la tierra y de hombres y mujeres, pobladores de esta América Latina.

⁵⁴ Arriagada, Irma. Globalización y transformaciones familiares en América Latina. p. 7.

La globalización acaba con las culturas minoritarias, sin embargo, al unirse frente a problemas urgentes de aniquilamiento de sus tierras, se dan grupos donde conviven indígenas con negros, mujeres con blancos como los *movimientos sin tierra de Brasil* o los sin rostro de México. Luchan contra las transnacionales que quieren acabar con las selvas, con el gas, con los ríos hasta pretender vender el agua de lluvia; este uso abusivo de las transnacionales los unifica pese a sus diferencias. No sin grandes contradicciones como ocurre con el proyecto de desindianización donde los originales que hablan castellano se olviden de su idioma, al sentirse más respetados de esta forma. Lo originario cual sea la etnia de la que se trate, está devaluado y ha sufrido de mucho desprecio a través de la historia de la humanidad.

Se revisó el concepto de sororidad utilizado por Marcela Lagarde propuesta política feminista que plantea enfrentar desde el punto de vista de cada mujer, las discrepancias de un pensamiento único; es una de las recetas más efectivas contra la misoginia y el rechazo de otras mujeres que desconfían, descalifican y desacreditan al feminismo⁵⁵. El poeta negro Aimé Césaire quien dice que “las dos maneras de perderse son: por segregación, siendo encuadrado en la particularidad, o por dilución, en el universal⁵⁶”. La utopía que hoy perseguimos consiste en buscar un atajo entre una negritud reductora de la dimensión humana y la universalidad occidental hegemónica que anula a la diversidad.

Considero que esta cuestión del feminismo con el proyecto de globalización ante la diversidad de culturas, etnias, grupos originarios, negros, tiene una lucha bárbara que realizar sin embargo, siguiendo a Césaire, el feminismo nuevamente puede diluirse.

Sin embargo, a pesar de las condiciones no tan benéficas, las mujeres siempre han luchado y siempre han tenido doble jornada, ellas podrán salir nuevamente de este triste y lamentable estado de violencia y discriminación. Con enfoque de género o con feminismo, algo de trabajo se ha hecho y este no va a detenerse. Serán las mujeres autonombradas feministas o no, quienes inicien otro movimiento más, como lo han hecho a lo largo de la historia. Hay que presionar por reformas a la ley que permitan obtener a las mujeres de cualquier etnia, lugar como ciudadanas con todos los derechos e impulsar políticas públicas como el derecho a la salud sexual, reproductiva y psicológica.

⁵⁵ Marcela Lagarde. Enemistad y sororidad: Hacia una nueva cultura feminista en

⁵⁶ Aimé Césaire. Discursos sobre el colonialismo. p. 47.

REFERENCIAS

AGUILAR MONTEVERDE, ALONSO. (2002). *Capitalismo y globalización y capitalismo*. Plaza y Janés, México.

Aguirre Beltrán, Gonzalo *Cuijla*. Esbozo etnográfico de un pueblo negro. México: 1989. FCE/Instituto Nacional Indigenista/Universidad Veracruzana/Gobierno del Estado de Veracruz.

ARENDDT, HANNA. (2005). *Sobre la violencia*. Trad. de Guillermo Solana. Madrid, Alianza Editorial.

ARRIAGADA, IRMA. (2007). *Globalización y transformaciones familiares en América Latina. Una perspectiva de género*. http://www.fad.es/sala_lectura/C2008-MR1_ARRIAGADA.pdf (página visitada el 15 de agosto, 2013).

BEAUVOIR, Simone. (1992). *El segundo sexo*. Alianza Editorial. México. Benería, Lourdes. *Mercados globales, género y el hombre de Davos*. http://www.catedradh.unesco.unam.mx/SeminarioCETis/Documentos/Doc_basicos/5_bibliotecavirtual/2_genero/26.pdf (página visitada el 15 de agosto, 2013)

CARDOSO DE OLIVEIRA, ROBERTO, (1976). *Identidad, Etnia e Estructura Social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora.

CARNEIRO, SUELI (2005) Ennegrecer el feminismo. La situación de la mujer negra en América Latina desde una perspectiva de género en *Nouvelles Quéstions Féministes. Revue Internationale francophone*, volumen 24, n.2, Edición especial en castellano, Feminismos disidentes en América Latina y el Caribe, ediciones feme- libros, pp. 21-22.

CAROSIO, ALBA (2000) Feminismo latinoamericano. *Revista Venezolana de Estudios de la Mujer* Caracas. Venezuela Julio/Diciembre- Volumen 14/N No. 33

CAROSIO, ALBA (2009) El feminismo latinoamericano y su proyecto ético-político en el siglo XXI. En *Revista Latinoamericana de Estudios de la Mujer*. Nro 33. Venezuela: Centro de Estudios de la Mujer de la UCV

CASAL, JOAQUIM et al (2006). *Aportaciones teóricas y metodológicas a la sociología de la juventud desde la perspectiva transición de la Universitat Autònoma de Barcelona*.

Departament de Sociologia Grup de Recerca Educació i Treball (GRET) 08193 Bellaterra (Barcelona). Spain Papers 79, 21-48 en http://www.redligare.org/IMG/pdf/aportaciones_teoricas_metodologicas_sociologia_juventud.pdf, consultado el 17 de octubre de 2013

CESAIRE, AIMÉ. (2006). *Discursos sobre el colonialismo*: Akal. España. CONAPO 2008 Series sobre migración internacional. Consultado en: <http://www.conapo.gob.mx/> [Fecha de consulta: 29 de septiembre de 2013]

Dávalos López, Juan José. Seminario crisis del socialismo, crisis del capitalismo, y alternativas de modernidad en el siglo XXI Universidad Obrera, primavera y verano (comunicación personal).

DÍAZ CRUZ, ERIKA LILÍ. (2010) *Análisis del marco jurídico en torno a la violencia de género (Oaxaca)* (Ley General de Acceso de las Mujeres a una vida Libre de Violencia y la Ley Estatal de Acceso de las Mujeres a una vida Libre de Violencia en Oaxaca)

<http://observatoriojusticias.org/observatoriojusticias/pdf/leyesviolencia.pdf> (consultado el 20 de agosto de 2013).

DORAO, EUGENIO. (2006). *El feminismo de género. ¿Qué es el feminismo de género?* Resumen de la Ponencia presentada en Salamanca el 16 de Junio de 2006, en los salones de Caja Duero, con motivo de las Jornadas Separación y Divorcio organizadas por APFS Salamanca. Madrid, 2006.

<http://www.projusticia.es/articulos/documentos/feminismodegeneroeugeniodorao.pdf> [Fecha de consulta: 28 de septiembre de 2013]

FLORES DÁVILA, JULIA. (2006). *Afrodescendientes en México; Reconocimiento y Propuestas Antidiscriminación*. 2006 México: Dirección General Adjunta de Estudios, Legislación y Políticas Públicas del Consejo Nacional para Prevenir la Discriminación. Dirección General Adjunta de Estudios, Legislación y Políticas Públicas Documento de Trabajo No. E-19.

FORRESTER, VIVIAN (2000). *Una extraña dictadura*. Fondo de Cultura Económica, Buenos Aires, 164 p.

FORRESTER, VIVIAN. (1996). El horror económico. FCE México, 14 edición Fukuyama. *El fin de la historia y el último hombre*.

http://www.posgrado.unam.mx/publicaciones/ant_omnia/22/02.pdf (consultado el 10 de septiembre, 2013)

GALEANO, EDUARDO. (2008) *Las venas abiertas de América Latina*. Siglo XXI. España, 6ª. Reimpresión. España.

GARCÍA CANCLINI; NÉSTOR (1999). *La globalización imaginada*, Paidós, Barcelona. Gargallo, Francesca. *Feminismo Latinoamericano*. (2007) En *Revista Venezolana de Estudios de la Mujer*.

GIMÉNEZ, GILBERTO. (2007) *Formas de discriminación en el marco de la lucha por el reconocimiento social*, en *Racismo mestizaje y modernidad: visiones desde latitudes diversas*, México: UNAM, CEICH, CRIM, pp.37–61.

GIRÓN, ALICIA (2009). *Feminismo latinoamericano: imperativo ético para la emancipación en Género y globalización*. Buenos Aires. CLACSO, 2009.

GIRÓN, ALICIA. (2009) *Género y globalización*. CLACSO, Buenos Aires.

HERRERA. CRISTINA. (2009) Invisible al ojo Clínico. *Violencia de pareja y políticas de salud en México*. UNAM. México.

IANNI, OCTAVIO. (1996) *Teorías de la globalización*. S XXI, 1ª. Edic.

KIRWOOD, JULIETA (1985) *Feministas y políticas*. Nueva Sociedad no. 78 Jul-agosto, pp. 62-70.

KLEIN, NAOMI (2003) *Vallas y Ventanas: Despachos desde las trincheras del debate sobre la globalización*. Paidós. México, 2002.

KLEIN, NAOMI (2007). *La doctrina del shock. El auge del capitalismo del desastre*. Paidós. México, ISBN 978-84-493-2041-5.

KLEIN, NAOMI. (2002) *El poder de las marcas*. México, Paidós.

LAGARDE, MARCELA (2013). *Enemistad y sororidad: Hacia una nueva cultura feminista*. Mujeres net. <http://e-mujeres.net/ateneo/marcela-lagarde/textos/enemistad-y-sororidad-nueva-cultura-feminista>, agosto, 2013 (página visitada el 15 de agosto, 2013)

LAGARDE, MARCELA (1999) *Claves identitarias de las latinoamericanas en el umbral del Milenio*. En Ana María Portugal, Carmen Torres, Ed. El Siglo de las Mujeres, 1999. Chile: Isis internacional, Ediciones de las Mujeres N°28. *Ley general de acceso de las mujeres a una vida libre de violencia*. Nueva Ley publicada en el Diario Oficial de la Federación el 1 de febrero de 2007. TEXTO VIGENTE Última reforma publicada DOF 15-01-2013 <http://www.diputados.gob.mx/LeyesBiblio/doc/LGAMVLV.doc> agosto, 2013 (página visitada el 20 de agosto, 2013)

MAQUIEIRA DÁNGELO, VIRGINIA. (2011). *Mujeres, globalización y derechos humanos. Reflexiones desde la categoría de "tensión"*. <http://www.pensamientoiberoamericano.org/xnumeros/9/pdf/pensamientoiberoamericano-178.pdf> (página visitada el 19 de agosto, 2013).

MÉROLA, GIOVANNA. (1985) *Feminismo: un movimiento social en Nueva Sociedad* Nro. 78 Julio-Agosto, pp. 112-117.

ROJAS CAMACHO, RAUL. (2004) *Aspectos victimológicos de los homicidios*. En Homicidios y desapariciones de mujeres en Ciudad Juárez. Análisis, Críticas y perspectivas. INACIPE México.

SARTORI, GIOVANNI. (2007) *La sociedad multiétnica*. Pluralismo, multiculturalismo y extranjeros. Taurus. México.

SAUCEDO GONZÁLEZ, IRMA (coord.) (2019.) *Violencia contra las mujeres en México*. UNAM. México.

TAMEZ, ELSA (1999). *El sujeto viviente "racializado" y "generizado"* En PASOS. Nro 88. Costa Rica: Editorial.

VELÁZQUEZ, MA. ELISA Y GABRIEL ITURRALDE NIETO. (2012). *Afrodescendientes en México* Consejo para prevenir la discriminación. Instituto Nacional de Antropología e Historia. México.

SOBRE O ORGANIZADOR

Edilson Antonio Catapan: Doutor e Mestre em Engenharia da Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2005 e 2001), Especialista em Gestão de Concessionárias de Energia Elétrica pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (1997), Especialista em Engenharia Econômica pela Faculdade de Administração e Economia - FAE (1987) e Graduado em Administração pela Universidade Positivo (1984). Foi Executivo de Finanças por 33 anos (1980 a 2013) da Companhia Paranaense de Energia - COPEL/PR. Atuou como Coordenador do Curso de Administração da Faculdade da Indústria da Federação das Indústrias do Paraná - FIEP e Coordenador de Cursos de Pós-Graduação da FIEP. Foi Professor da UTFPR (CEFET/PR) de 1986 a 1998 e da PUCPR entre 1999 a 2008. Membro do Conselho Editorial da Revista Espaço e Energia, avaliador de Artigos do Encontro Nacional de Engenharia de Produção - ENEGEP e do Congresso Nacional de Excelência em Gestão - CNEG. Também atua como Editor Chefe das seguintes Revistas Acadêmicas: Brazilian Journal of Development, Brazilian Applied Science Review e Brazilian Journal of Health Review.

Agência Brasileira ISBN
ISBN: 978-65-86230-14-7